

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

LEANDRO HAYNES PARIZ

**“DOS PÚLPITOS À ÁGORA DIGITAL”
OS DESAFIOS COMUNICACIONAIS DA IGREJA CATÓLICA NA MODERNIDADE
LÍQUIDA**

CAMPINAS

2024

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS
FACULDADE DE TEOLOGIA**

LEANDRO HAYNES PARIZ

**“DOS PÚLPITOS À ÁGORA DIGITAL”
OS DESAFIOS COMUNICACIONAIS DA IGREJA CATÓLICA NA MODERNIDADE
LÍQUIDA**

Trabalho de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à faculdade de Teologia do Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, como exigência para obtenção de grau de Bacharel em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Pe. Matheus da Silva Bernardes,

CAMPINAS

2024

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS
FACULDADE DE TEOLOGIA**

LEANDRO HAYNES PARIZ

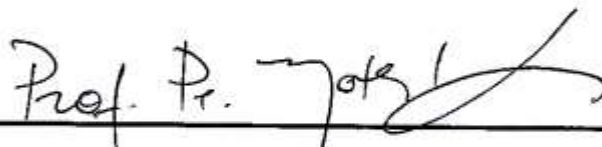
**“DOS PÚLPITOS À ÁGORA DIGITAL”
OS DESAFIOS COMUNICACIONAIS DA IGREJA CATÓLICA NA MODERNIDADE
LÍQUIDA**

Monografia de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas como requisito final para obtenção do título acadêmico de Bacharel em Teologia, sob orientação do Prof. Dr. Pe. Matheus da Silva Bernardes

Julgado e aprovado em 19/06/2024

Considerações

Nota final do TCC: 10,0



Prof. Dr. Pe. Matheus da Silva Bernardes
Docente da Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Orientador

CAMPINAS

2024

Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI
Gerador de fichas catalográficas da Universidade PUC-Campinas
Dados fornecidos pelo(a) autor(a).

P231"	Haynes Pariz, Leandro "Dos Púlpitos à Ágora Digital : Os desafios comunicacionais da Igreja Católica na Modernidade Líquida / Leandro Haynes Pariz. - Campinas: PUC-Campinas, 2024. 54 f. Orientador: Prof. Dr. Pe. Matheus da Silva Bernardes. TCC (Bacharelado em Teologia) - Faculdade de Teologia, Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2024. Inclui bibliografia. 1. Modernidade Líquida. 2. Comunicação . 3. Igreja Católica.
-------	--

“Se quero, porém, falar contigo, procuro o modo de fazer chegar ao teu coração o que já está no meu. Procuro então como fazer chegar a ti e penetrar teu coração o que já está no meu coração”

(Santo Agostinho)

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho de conclusão de curso só foi possível graças à colaboração direta ou indireta de muitas pessoas. Sou extremamente grato a todos que me ajudaram neste período. Manifesto minha gratidão de forma particular:

A Deus que me amou por primeiro e diariamente vem ao meu encontro comunicar o seu amor e me vocaciona a um diálogo amoroso com Ele por toda a minha vida.

Ao povo de Deus deste território arquiepiscopal que me ensina tanto quanto os livros e professores.

À Arquidiocese de Campinas, na pessoa de seu arcebispo Dom João Inácio Muller, que pela ação do Espírito Santo, inspira e impulsiona a minha caminhada vocacional. Foi esta Santa Instituição que me proporcionou o curso de Teologia e todos os recursos necessários para bem concluí-lo.

À Pontifícia Universidade Católica de Campinas e sua Faculdade de Teologia, pelo ofício de me educar e me formar integralmente. Na pessoa do professor que com muita paciência me orientou neste trabalho monográfico, Prof. Dr. Pe. Matheus da Silva Bernardes, agradeço ao corpo docente da faculdade e a todos os demais funcionários que foram facilitadores deste processo de ensino e aprendizagem nesses anos de curso.

Aos meus familiares, de forma afetuosa aos meus pais Sandro e Sueli que me educaram na fé e atenderam as necessidades das fases do meu crescimento e a minha irmã Ester, por ser minha companheira que potencializa minhas alegrias e alivia as minhas tristezas. Estendo os meus agradecimentos a todos que se unem pelos laços de sangue e espírito, sobretudo pela esperança em minha vocação, acompanhada de suas preces e orações.

A todos os meus amigos, que diariamente são comunicadores do amor de Deus por mim, em especial à Flavia Silva e ao Leonardo Barbosa que me ajudaram na elaboração deste trabalho, não só por meio dos dons e conhecimentos, mas também incentivando, rezando e tornando esse período dos estudos mais leve e feliz.

Por fim, agradeço devotamente à Nossa Senhora da Conceição Aparecida, minha Mãe, por interceder por mim junto a Deus Pai e por sempre se fazer presente, me acolhendo e me amparando em seu colo maternal.

RESUMO

O presente trabalho procura refletir sobre as novas práticas socioculturais, oriundas da Modernidade Líquida, categoria metafórica do sociólogo Zygmunt Bauman, que geraram novas formas de comunicação, sobretudo com a ascensão da internet e das redes sociais digitais. A Igreja Católica, ao cumprir a sua missão de proclamar a Boa-nova a todos, procurou integrar os novos meios e linguagens de comunicação como forma de inculturação, “desceu do púlpito dos templos”, não só fisicamente, mas também simbolicamente, para habitar a nova praça, a “ágora digital”. Nesse sentido, a Igreja, sob a liderança do papa Francisco e atenta aos “sinais dos tempos”, é chamada a assumir a ambiência virtual para comunicar o seu conteúdo sólido: o Evangelho.

Palavras-chave: Modernidade Líquida, Comunicação, Igreja Católica, Internet, Evangelização.

ABSTRACT

This work seeks to reflect on the new sociocultural practices, originated from Liquid Modernity, a metaphorical category developed by sociologist Zygmunt Bauman, which generated new forms of communication, especially with the rise of the internet and digital social networks. The Catholic Church, in fulfilling its mission of proclaiming the Good News to everyone, sought to integrate new means and languages of communication as means of enculturation, “descended from the pulpit of the temples”, not only physically, but also symbolically, to inhabit the new square, the “digital agora”. In this sense, the Church, under the leadership of Pope Francis and attentive to the “signs of the times”, is called to take on the virtual environment in order to communicate its solid content: the Gospel.

Keywords: Liquid Modernity. Communication. Catholic Church. Internet. Evangelization.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
I.A COMUNICAÇÃO NA MODERNIDADE LÍQUIDA.....	12
1.1. Da “modernidade sólida” a “modernidade líquida”	13
1.2. A transformação da experiência comunicativa.....	17
1.3. O desafio atual da comunicação da Igreja	19
II. TEOLOGIA DA COMUNICAÇÃO.....	24
2.1. Comunicação como dom de Deus	25
2.2. Jesus Cristo comunicador por excelência.....	28
2.3. Comunicação trinitária: modelo para a comunicação humana	31
III.A IGREJA E A COMUNICAÇÃO	36
3.1. Das praças ao púlpito	37
3.2. Do púlpito ao estúdio.	41
3.3. Do estúdio à ágora digital	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	54

INTRODUÇÃO

A percepção do mundo moderno-líquido, categoria analítica desenvolvida pelo filósofo e sociólogo polonês Zygmunt Bauman, é uma chave para compreensão das transformações da realidade presentes neste século XXI, a qual pode conduzir a muitos questionamentos que outorgam o universo religioso de ações comunicativas no contexto atual. A categoria metafórica bauniana de liquidez permite assentir as transformações e suas consequências ao passo em que elas se demonstram na contemporaneidade: a acensão do desenvolvimento tecnológico favorece o surgimento de novos artefatos culturais, na produção de novos conteúdos de sentido, originando assim, novas formas de sociabilidade.

Com o desenvolvimento da internet e do ambiente digital, as pessoas encontram novas formas de relação e de interação que não se limitam a um espaço e um tempo. Para as religiões, em geral, esse é um grande desafio contemporâneo: o ambiente digital emerge como um novo locus religioso e teológico, que possibilita novas modalidades e percepções de experiência e de expressão do sagrado. O “sagrado” passa a circular, fluir, descolar-se por meio de uma ação comunicacional de inúmeras pessoas conectadas e não somente no âmbito do espaço eclesial. Diante desses sinais dos tempos comunicacionais, a Igreja é interpelada a adequar suas estruturas comunicacionais e seus sistemas internos e externos de significação do sagrado na sociedade.

Diante de tais desafios comunicacionais, fomentados pela modernidade líquida, a Igreja precisa escolher qual será sua postura: condenar o progresso tecnológico, demonizando a utilização das novas tecnologias ou se inserir nesse novo ambiente, tornando-se artífice dessa nova cultura, buscando comunicar os valores Evangélicos, e o assumindo como terra de missão.

Nesse sentido, buscar-se-á compreender no primeiro capítulo, a partir da metáfora da modernidade líquida do sociólogo de Zygmum Bauman, o processo de virtualização da vida humana e todos os desdobramentos culturais - principalmente na transformação da dimensão comunicativa e na maneira dos indivíduos se relacionarem -, e como a Igreja Católica, atenta aos sinais dos tempos, é interpelada a criar estruturas comunicativas para o anúncio do Evangelho, sobretudo no

ambiente virtual.

Essa discussão culminará, por sua vez, no segundo capítulo da monografia, o coração pulsante dessa pesquisa teológica. Com base na teologia da comunicação, fundamentado na Sagrada Escritura e no Magistério da Igreja, essa sessão tem por objetivo discorrer sobre os conceitos teológicos da ação comunicadora de Deus ao longo da história, Ele que, ao criar a humanidade, comunica seu projeto de amor a ela, conferindo-lhe o dom da relação. Em seguida, ainda no segundo capítulo, será apresentando Jesus como comunicador por excelência, que não somente anuncia a Palavra de Deus, mas é a Palavra eterna de Deus encarnada. O capítulo se encerra com a apresentação do Espírito Santo como agente central da comunicação intratrinitária: modelo para a comunicação humana de unidade na diversidade.

Por fim, o terceiro capítulo descreverá o caminho que a Igreja percorreu para compreender os processos comunicacionais e o uso da técnica como condição essencial para a sua ação evangelizadora na atualidade. Baseado na obra “Comunicar o Evangelho”, de Darlei Zanon, serão apresentados e definidos três momentos da relação Igreja-comunicação. Em um primeiro momento, “das praças ao púlpito”, será destacada a relação pessoal do anúncio da Boa-Nova com ênfase na tradição oral dos primeiros cristãos; em seguida, “do púlpito ao estúdio”, será descrito o momento em que o cristianismo, como religião oficial do Império Romano, ocupou os púlpitos dos templos e manifestou uma postura restritiva à comunicação dos estúdios, que tinha como lógica a livre produção e difusão de ideias em massa. Finalmente, “do estúdio novamente as praças” explicitará o movimento da Igreja em ocupar a “praça digital”, onde todos se encontram e habitam, com o intuito de “proclamar o Evangelho a todas as criaturas” nessa nova ambiência virtual: as redes sociais.

Espera-se, que esse trabalho teológico, não só colabore com o acréscimo de conhecimento sistemático, mas, sobretudo, ajude a compreender o processo de evangelização da Igreja em meio a tantos desafios comunicacionais da contemporaneidade.

Que a presente monografia, fruto desses quatro anos de estudos teológicos, cumpra com seu objetivo de ser mais um meio de evangelização a serviço da Igreja de Cristo. Aludindo à ótica comunicacional, possa o conteúdo dessas páginas, testemunhar Cristo, o comunicador por excelência.

CAPÍTULO I: A COMUNICAÇÃO NA MODERNIDADE LÍQUIDA

Introdução

Refletir e estabelecer críticas a respeito da trajetória histórica da sociedade e da evolução da humanidade exige sensibilidade na coleta de informações e na definição de novos conceitos. Geralmente, essa tarefa, destinada aos filósofos e sociólogos, é desafiadora quando se trata de um tempo pretérito pois, apesar de suas influências no presente, não é mais vivido. Em contrapartida, uma tarefa mais complexa é a de pensar, analisar e ordenar os acontecimentos presentes, comparando-os com o passado e limitando-se somente a projeções. Tal ofício é tão laborioso como o de um pintor que busca retratar em uma tela – que já possui um fundo de acontecimentos passados – as situações da realidade presente, à medida que elas ainda acontecem. Zygmunt Bauman (1925 – 2017), filósofo e sociólogo, dedicou-se ao trabalho de analisar de forma crítica as mudanças da sociedade enquanto ainda era contemporâneo a ela e nomeia como “modernidade líquida” o período¹ no qual, para ele, as relações que compõem a sociedade e o mundo se encontram em uma situação similar ao estado liquefeito da matéria: flexíveis e voláteis.

A Igreja Católica, como instituição atuante na sociedade, se depara com um grande desafio contemporâneo: o ambiente digital emerge como um novo locus religioso e teológico, que possibilita novas modalidades e percepções de experiência e de expressão do sagrado, as quais passam a circular, fluir, descolar-se por meio de uma ação comunicativa de inúmeras pessoas conectadas.

Neste capítulo buscar-se-á, a partir do uso da metáfora da modernidade líquida de Bauman, discorrer sobre o paradigma da humanidade: o processo de virtualização da vida humana e todos os seus desdobramentos culturais, sobretudo na transformação da dimensão comunicativa, que, com o uso dos novos instrumentos tecnológicos e o avanço da internet, interpela a Igreja Católica no processo de anúncio do Evangelho em uma nova ambiência: a virtual.

¹ Demais denominações de outros filósofos para esse mesmo período histórico: chamado pelo filósofo francês Gilles Lipovetsky (1944) como “hipermodernidade”, pelo sociólogo alemão Ulrich Beck (1944-2015) como “segunda modernidade” ou “modernidade reflexiva” e pelo filósofo e sociólogo britânico Anthony Giddens (1938) como “alta modernidade”. (Cf. BAUMAN, 2001, p. 34).

1.1. Da “modernidade sólida” à “modernidade líquida”

Houve um período em que os conceitos eram sólidos: ideologias, relações e blocos de pensamentos eram capazes de moldar a realidade e a interação entre as pessoas. No entanto, sobretudo influenciado pela situação econômica e tecnológica da Revolução Industrial² e pelos aspectos sociais e políticos da Revolução Francesa³, acontece, de forma gradual, o declínio desse “mundo” sólido.

Bauman denomina de modernidade sólida o período de transição do medievo para a modernidade. Esse período, caracterizado pela presença da ordem dos tradicionais mecanismos sociais era, para ele, sinônimo de monotonia, regularidade, repetição e previsibilidade devido à presença dos traços rígidos e duradouros em suas formas e possibilidades. Sobre o mundo ordeiro, discorre:

Aquele no qual “a gente sabe como ir adiante” (ou um mundo no qual sabemos como descobrir – com toda certeza – de que modo prosseguir), um mundo no qual sabemos calcular a probabilidade de um evento e como aumentar ou diminuir tal probabilidade; um mundo no qual as ligações entre certas situações e a eficiência de certas ações permanecem no geral constantes, de forma que podemos nos basear em sucessos passados como guias para outros futuros. Por causa de nossa capacidade de aprender/memorizar, temos um profundo interesse em manter a ordem do mundo”⁴.

A metáfora do derretimento dos sólidos está intimamente relacionada com a possibilidade de operar livremente com a racionalidade, buscando libertar-se dos grilhões da sociedade medieval alicerçada nas tradições, crenças e instituições que determinassem padrões rígidos de conduta e pensamento. Descrevendo sobre a

² “Iniciada na Inglaterra, nos meados do século XVIII, provocou transformações profundas na sociedade europeia, tornando problemática a própria sociedade. Trouxe mudanças na ordem tecnológica, pelo emprego intensivo e extensivo de um novo modo de produção [...], na ordem econômica, pela concentração de capitais, [...] na ordem social, pela intensificação do êxodo rural, urbanização, desintegração de instituições e costumes, introdução de novas formas de organização da vida social, e, sobretudo, a emergência e a formação de um proletariado de massas com sua específica consciência de classe” (LEMOS FILHO, 1998, p. 23).

³ “Movimento inovador cultural difundido na Europa no século XVIII que apresenta como característica a aversão profunda ao princípio de autoridade tradicional, à crença na possibilidade de um conhecimento geral sobre o homem e o mundo em todos os seus aspectos e sem falar numa defesa do conhecimento científico e da técnica como algo essencial ao progresso, uma vez que a razão dos iluministas se explicita como defesa do conhecimento científico e da técnica enquanto instrumento de transformação do mundo e de melhoria progressiva das condições espirituais e matérias da humanidade”. (REALE; ANTISERI, 2003, p. 666).

⁴ BAUMAN, 1999, p. 10.

metáfora da liquidez, Bauman aponta que os líquidos se movem facilmente: “fluem, escorrem, esvaem-se, respingam, transbordam, vazam, inundam, borrifam, são capazes de serem filtrados, destilados”⁵; diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos. Completa dizendo que o que é líquido possui as características de “contornar certos obstáculos”, “dissolver outros” ou, ainda, “invadir e inundar seus caminhos”. O que todas essas características dos fluidos apontam, em linguagem bem simplificada, é que os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade.

Em suas obras, ao discorrer sobre a modernidade líquida, Bauman apresenta a instabilidade do contexto delineado. O uso do adjetivo “líquido” e de seus derivados tende a tornar perceptível algo que seja notoriamente transitório, efêmero e volúvel, algo que o autor busca elucidar quando afirma, por exemplo, que:

A passagem da fase “sólida” da modernidade para a “líquida” - ou seja, para uma condição em que as organizações sociais (estruturas que limitam as escolhas individuais, instituições que asseguram a repetição de rotinas, padrões de comportamento aceitável) não podem mais manter sua forma por muito tempo (nem se espera que o façam), pois se decompõem e se dissolvem mais rápido que o tempo que leva para moldá-las e, uma vez reorganizadas, para que se estabeleçam.⁶

Bauman ainda ressalta que a ideia de mobilidade dos fluidos está associada à ideia de leveza. Segundo ele, tudo o que é mais leve ou possui ausência de peso se movimenta com mais facilidade e mais rapidez. “A velocidade do movimento e o acesso a meios mais rápidos de comunicação alcançam, nos tempos modernos, a posição de principal ferramenta do poder e da dominação.”⁷ Essas são as razões para considerar “fluidez” ou “liquidez” como metáforas adequadas, quando é necessário determinar a natureza da presente fase da história.

Na modernidade líquida, os indivíduos não possuem mais padrões de referência, nem códigos culturais e sociais que lhes possibilitassem, ao mesmo tempo, escrever a história de sua vida e se incluir dentro das condições de classe e de cidadania. No que diz respeito à ordem, toda essa instabilidade tende a refletir no modo de vida das pessoas, aparentemente cada vez mais pautado em valores efêmeros. Nas palavras de Bauman, “as rotinas antigas e aparentemente eternas começaram a se desintegrar; os hábitos antigos e convenções começaram a mostrar

⁵ BAUMAN, 2001, p. 8.

⁶ BAUMAN, 2007, p. 8.

⁷ BAUMAN, 2001, p. 16.

sua idade⁸”.

Eis que é chegada a vez da liquefação da forma de interação entre os indivíduos. A presente versão “liquefeita”, “fluida”, “dispersa”, “espalhada” e “desregulada” da modernidade pode não implicar na extinção final da comunicação, mas anuncia a era do desengajamento e do enfraquecimento das relações humanas. É nesse contexto que o autor ressalta que é impossível negligenciar a mudança causada pela ascensão da modernidade líquida no seio da humanidade. O fenômeno da fluidez conduz os indivíduos ao novo paradigma da humanidade: o processo de virtualização da vida humana e todos os seus desdobramentos sociais.

O indivíduo da modernidade líquida tem necessidade de comunicar-se de forma instantânea e com o maior número de pessoas possível. Os aparelhos celulares, por meio das ligações e aplicativos de troca de mensagens de texto e de voz, possibilitaram a aproximação virtual à medida que favorecem o distanciamento social. Os aparelhos eletrônicos permitem que as pessoas se conectem em segundos e consigam marcar encontros – ou desencontros – com um simples “toque na tela”. Eles são uma ferramenta perfeita para aqueles que buscam a segurança de estarem sempre no controle da situação, podendo se quiserem, terminar e começar outras formas de comunicação.

A respeito da transformação da vida social em vida eletrônica, Bauman aponta: “[...] a vida social já se transformou em vida eletrônica ou cibervida, e a maior parte dela se passa a companhia de um computador ou um celular, e apenas secundariamente ao lado de seres de carne e osso [...]”⁹ O acesso à internet se revelou, então, não como uma busca de maior acessibilidade, de horizontes mais amplos e novas oportunidades de conhecimento sobre concepções e estilos de vida que eram ignorados, mas como um instrumento amplamente usado na construção de um refúgio, capaz de garantir uma zona de conforto, longe da confusão do caótico e desordenado mundo da vida real.

Na verdade, o sociólogo polonês discorre que a internet é, então, um escape daqueles que evitam a comunicação com pessoas irritantes e estressantes, que geralmente apresentam opiniões diferentes das suas, facilitando a fuga de debates e, conseqüentemente, o envolvimento e o comprometimento: “Em vez de servir à causa de melhorar a qualidade de integração humana, da compreensão, da

⁸ BAUMAN, 2007, p. 100.

⁹ BAUMAN, 2008, p. 9.

cooperação, da solidariedade recíprocas, a internet facilitou as práticas de isolamento, separação, exclusão, inimizade e conflito”¹⁰ e complementa: “Relações virtuais são equipadas com a tecla “delete” e com “antispam”, mecanismos que protegem das consequências incômodas de comunicações mais profundas”¹¹.

Neste sentido, o termo “on-line” refere-se àqueles que estão inseridos na rede. As relações nesse ambiente permitem ao indivíduo ligar-se e desligar-se do outro sem riscos, uma vez que são inerentes a intensidade e proximidade. Estar “on-line” indica a condição de “estar inserido na rede” e por consequência, ser capaz, com muita velocidade, de sair dela.

No mundo on-line, as complicadas traduções, negociações e compromissos podem, no entanto, ser evitados, pela graça salvadora da tecla “delete”. A necessidade de se estabelecer um diálogo, refletir sobre os motivos um do outro, de analisar e revisar criticamente suas próprias razões, poderá ser suspensão e adiada - talvez indefinidamente.¹²

O mundo “on-line” induz e alicia os indivíduos a construírem os próprios modos e meios, utilizando das ferramentas fornecidas pela tecnologia, para determinar a frequência das atividades. No mundo “on-line” os indivíduos são capazes de projetar suas formas de comunicação quanto ao conteúdo, de cancelar ou de excluir os fragmentos indesejados ou incômodos que geram desconforto e, até mesmo, de monitorar performances e criar padrões.

Na maioria dos relacionamentos no mundo digital o nível de envolvimento muda com facilidade e, conseqüentemente, os questionamentos oriundos da proximidade física, tornam-se exceções ou são mesmo minimizados. Bauman descreve que estabelecer o contato com o olhar, reconhecendo a proximidade física do outro ser humano, parece perda de tempo, pois exige que se gaste uma parcela do tempo precioso: “[...] o que costumava ser confrontado de maneira direta e encarado se transforma cada vez mais num pretexto para romper a comunicação, fugir e queimar pontes atrás de si [...]”¹³. Por essas e outras razões, as estratégias e facilidades do mundo “on-line” tornam-se sedutoras e facilmente colocam em questão os desafios encontrados no mundo “off-line”.

¹⁰ BAUMAN, 2018, p.70.

¹¹ BAUMAN, 2010, p. 67.

¹² BAUMAN, 2010, p. 216.

¹³ BAUMAN, 2008, p. 153.

1.2. A transformação da experiência comunicativa

Tanto a tecnologia quanto as revoluções sociais surgem para suprir uma necessidade, para responder a uma inquietação fundamental do ser humano. As diferentes tecnologias têm a potencialidade de transformar os setores produtivos, de transporte, bélico e energético e, então, são capazes de influenciar e impactar o contexto social. Além disso, qualquer tecnologia é elaborada para suprir novas demandas e, por isso, modifica uma série de costumes e valores da sociedade agregando-se à cultura. A tecnologia digital emana da demanda essencial do ser humano de conhecer, comunicar-se e se relacionar e é importante considerar a revolução que ela produz no cenário comunicativo, afetando profundamente o âmago da vida humana e as relações sociais, uma vez que a comunicação faz parte da essência da humanidade.

A dimensão comunicativa é inerente ao ser humano pois possibilita a relação e a comunicação consigo mesmo, com o próximo e com o transcendente e torna possível a vida em comunidade. Tal definição encontra sentido na própria origem do termo em latim: *communis*, que significa “múnus comum” ou “função comum”, expressão que vem do grego *koinonia* cuja tradução pode ser “comunhão” e “comunidade” e remete à dimensão da pessoa humana que se abre à alteridade e se descobre capaz de transcender-se, saindo de si em direção ao outro - ao infinito. A comunicação é então, um processo relacional que viabiliza a vida em sociedade.

Bombonato afirma que os instrumentos de comunicação facilitam e satisfazem a necessidade humana de se comunicar, tornando-a mais potente e mais ampla. No entanto, a comunicação na atualidade não é simplesmente um conjunto de meios, mas um modo de ser, um estilo de vida, uma cultura. Neste sentido, quando Bombonato designa a comunicação como cultura, tem a intenção de considerá-la como um conjunto de valores que constituem um ambiente vital, um estilo de vida e um elemento articulador das mudanças sociais que desencadeia e sustenta os aspectos das relações sociais. A autora complementa: “a comunicação como cultura constitui uma nova forma de compreender o mundo, a vida, as relações, que não é fruto exclusivo do raciocínio, mas também da experiência.”¹⁴

Na pós-modernidade, devido à presença significativa dos instrumentos

¹⁴ BOMBONATTO, 2009, p. 27.

tecnológicos, a comunicação forma uma nova cultura que permanece em constante reformulação, pois é um processo dinâmico, dialógico, interativo, complexo e multidirecional que tem linguagens e valores próprios e, por isso, é para muitos, o principal instrumento de formação e de inspiração dos comportamentos individuais, familiares, sociais e religiosos. As novas tecnologias abrem inúmeras possibilidades, não somente porque tornam mais rápida a informação e a comunicação, mas também porque criam novos métodos de ser, de viver e de se relacionar.

A cultura midiática transformou a experiência comunicativa. Antes, informar, denunciar, esclarecer fatos de interesse da sociedade, fotografar e produzir vídeos eram atividades exercidas por profissionais da comunicação, especialmente jornalistas. Com a internet móvel, essas habilidades comunicativas tornaram-se práticas cotidianas de qualquer homem ou mulher nas mídias sociais. A sociedade em rede recorda que a comunicação não é mais apenas uma atividade profissional para poucos, mas uma das dimensões mais importantes da vida humana na era digital.

Na concepção de Castells, a sociedade em rede é uma estrutura social que se baseia em redes operacionalizadas por tecnologias de comunicação e informação, formando redes digitais que geram, processam e distribuem a informação que se encontram nos nós dessas redes. “As redes são estruturas abertas que evoluem acrescentando ou removendo nós de acordo com as mudanças necessárias dos programas que conseguem atingir os objetivos de performance para a rede”¹⁵.

A rede, em termos estruturais, consiste num sistema de pontos ou nós interligados. Cada ponto dessa rede é uma pessoa, e cada pessoa possui conexões próprias com outros diferentes nós. Então, cada pessoa é uma rede social. Por isso, quando se fala na rede, se remete ao conjunto dessas redes, à rede de redes que compartilham dados entre si. A força da internet está na sua descentralização: por ter milhões de interconexões, não existe um ponto crítico único. Se um caminho fica indisponível, seus dados seguem por outro segmento. Na cooperação mútua, todos os internautas fazem a rede acontecer. Sendo assim, a internet é um acontecimento humano. Expressando de outra maneira, a internet é o conjunto de “nativos digitais”. Isto é, a rede é constituída por pessoas que utilizam da tecnologia disponível para

¹⁵ CASTELLS, 2008, p. 20.

interagirem, ficarem informadas, comuniquem-se e se relacionem, quebrando as barreiras territoriais e temporais para estarem, de certa maneira, juntas.

Na maioria dos relacionamentos no mundo digital o nível de envolvimento muda com facilidade e, conseqüentemente, os questionamentos oriundos da proximidade física, tornam-se exceções ou mesmo são minimizados. Bauman descreve que estabelecer o contato com o olhar, reconhecendo a proximidade física do outro ser humano, parece perda de tempo, pois exige que se gaste uma parcela do tempo precioso e completa: “[...] o que costumava ser confrontado de maneira direta e encarado se transforma cada vez mais num pretexto para romper a comunicação, fugir e queimar pontes atrás de si [...]”¹⁶. Por essas e outras razões, as estratégias e facilidades do mundo “on-line” como, por exemplo, a presença das opções “excluir” e “bloquear” tornam-se sedutoras e facilmente colocam em questão os desafios comunicacionais encontrados no mundo “off- line”.

Eis então a ambivalência no que diz a respeito à virtualidade das relações humanas, os indivíduos buscam comunicar-se e encontram amparo na facilidade oferecida pela proximidade virtual, uma vez que a internet pressupõe menos tempo e esforço para que as conexões e relações se iniciem. Mas, em contrapartida, os relacionamentos são caracterizados pela brevidade e superficialidade, desprovidos de compromissos e vínculos. Como consequência prática, Bauman aponta que, em vez de relatar suas experiências e expectativas comunicativas utilizando termos como “relacionamentos”, os indivíduos da modernidade líquida apropriam-se, cada vez mais, do termo “conexões”.

Em outras palavras, as formas de se comunicar “on-line” não dão expressão a um conjunto de indivíduos, mas a um conjunto de relações entre indivíduos e este conceito não é somente a “presença” na internet, mas a “conexão”. A base comunicacional e, conseqüentemente, relacional na internet é radical e dela derivam desafios e perspectivas interessantes para a Igreja Católica na atualidade.

1.3. O desafio atual da comunicação da Igreja

As transformações comunicativas anteriormente apresentadas colaboram para que a Igreja Católica pense e discuta novos meios de anunciar o Evangelho,

¹⁶ BAUMAN, 2008, p. 153.

como também a sua relação com a sociedade. E é nesse contexto de transformações, que a Igreja Católica demonstra interesse pelo universo da comunicação, por perceber que tal elemento da prática humana e social é de vital importância para o anúncio do Evangelho.

O avanço da tecnologia e dos meios de comunicação, assim como os impactos causados por eles na sociedade, suscitou a preocupação da Igreja Católica. As inovações tecnológicas mudaram o modo como os indivíduos se relacionam em sociedade, impulsionaram a multiplicação de meios, na circulação e expansão da informação e aceleraram a velocidade da notícia.

“A Igreja Católica, presente nesse cenário de transformações, busca aprofundar-se nas reflexões conceituais sobre a comunicação ao passo que busca dinamizar sua prática comunicacional, ora como questionadora das funções sociais da comunicação, ora como usuária dos meios para a propagação de seus princípios e valores”¹⁷.

É condizível que, apesar de a relação da Igreja Católica com os meios de comunicação ser historicamente complexa, ela sempre se interessou pela comunicação, “segundo os critérios e cultura da época, bem como o grau de compreensão da Igreja em cada período”¹⁸. Em nível teológico, é profunda a relação entre a comunicação e a teologia: “O cristianismo é fundamentalmente um evento comunicativo. Tudo na revelação cristã e nas páginas bíblicas transpira comunicação”¹⁹.

A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* fala do lugar teológico dos “sinais dos tempos”, como sendo os grandes fenômenos que movem a história. Tal documento sobre a “Igreja no Mundo Atual”, afirma em linhas gerais que os sinais devem ser primeiro observados e analisados cuidadosamente pelo teólogo, para serem em seguida interpretados e discernidos à luz da fé. Como observado anteriormente, a internet é um fenômeno antropológico sociocultural, um ambiente de comunicação e de relações e também um lugar da prática da fé e da espiritualidade dos seres humanos da sociedade atual. Por ser um princípio ativo de transformação da sociedade e da história humana, é uma realidade que não deve ser ignorada pela perspectiva teológica.

¹⁷ SILVA, 2010, p.12

¹⁸ PUNTEL, 2011, p. 222.

¹⁹ SPADARO, 2012, p. 24.

A lógica digital, com suas poderosas metáforas, trabalha o imaginário e a inteligência, por isso, é necessário entender como ela pode modelar a escuta da Palavra de Deus, a forma de se compreender a Igreja, o significado da comunhão eclesial e, a Revelação, isto é, os temas clássicos da teologia sistemática. Refletir teologicamente sobre a comunicação é importante, mas não é suficiente, é preciso ir adiante.

Com as novas tecnologias surgem novas possibilidades de metáforas e analogias para alimentar o pensamento teológico e a concepção de mundo. É notório que a linguagem informática se apropriou de diversas palavras-chave da teologia na sua construção de sentido, tais como: salvar, converter, justificar e compartilhar. Também a teologia já encaixou no seu discurso, principalmente a teologia prática, termos da linguagem virtual. Esse intercâmbio linguístico e cultural é inevitável. Logo, a teologia deve aproveitar toda a riqueza e o potencial que a internet oferece para atualizar conceitos fundamentais da fé, a fim de obter, entre os nativos virtuais, uma melhor compreensão e recepção da mensagem cristã.

É nesse sentido que a revolução digital influencia o exercício da fé, não só devido às novas possibilidades de evangelização através da rede, mas sobretudo pelos pontos de contato e de interação produtiva que existem entre a rede e o pensamento cristão. Se a Internet muda a forma do ser humano pensar, muda como se pensa a fé, amplificando as potencialidades do seu exercício, modificando a forma como se reza e ultrapassando as fronteiras da própria religião. Isso pode ser verificado nos inúmeros fenômenos religiosos encontrados no meio digital, como Missas ao vivo, portais, aplicativos religiosos e até grupos de oração. Com a Internet, o que é religioso ou teológico ganha novas dimensões.

A partir do Concílio Vaticano II, a Igreja Católica reforçou a importância da criação de estruturas comunicativas para a propagação do Evangelho e de mecanismos que possibilitassem cultivar as relações da Igreja com a sociedade. Com o mundo cada vez mais conectado, não era mais possível para a Igreja Católica manter uma postura isenta diante da utilização da internet. Desse modo, a Igreja reconhece e encara a internet como um novo meio de anunciar a Boa Nova, e que, também possibilita uma nova relação do indivíduo com a sociedade. Portanto, reconhece a necessidade de um movimento em direção a um novo olhar sob as transformações na sociedade contemporânea, que utiliza a internet como alicerce para a formação de novas culturas, linguagens e para a construção e a vivência da

fé.

É importante ressaltar, que a Igreja Católica, no movimento de adesão às novas atividades e plataformas on-line, enfrenta um problema inevitável: qualquer coisa que ela faça “on-line” sempre será interpretada como antiquada. Tal definição para a Igreja não é negativa, pelo contrário, o esforço é para que ela mantenha sua identidade enquanto uma instituição que permanece viva há mais de dois mil anos de história. No entanto, quando inserida no ambiente virtual, marcado pela presença de vozes com discursos progressistas e liberais, ao proclamar a Verdade e tentar estabelecer alguma relação, se depara com uma resistência que exige de si, muita criatividade e esforço. Essa é motivação para esse estudo.

Conclusão

A realidade contemporânea, ilustrada pela categoria analítica “modernidade líquida, cunhada por Zygmunt Bauman, é uma forma de compreender as características da transição do medievo para a contemporaneidade. Nesse processo, surge um novo paradigma da humanidade: a virtualização da vida humana e todos os seus desdobramentos sociais, sobretudo no processo de comunicação que, amparado pelos novos aparatos tecnológicos, torna-se fluido e possibilita a interação instantânea com o maior número de pessoas possíveis. Bauman, destaca que ao invés de a Internet servir à causa de melhor qualidade humana em favor de uma melhor compreensão, cooperação e solidariedade mútua, facilitou, na verdade, as práticas de isolamento, separação, exclusão, inimizade e conflito entre as pessoas.

A comunicação na contemporaneidade é um elemento articulador das mudanças sociais que desencadeia e sustenta os aspectos das relações sociais, por conseguinte, deixa de ser um simples conjunto de meios para assumir um modo de ser, um estilo de vida, uma cultura. O fato é que a cultura midiática transformou a experiência comunicativa: com a internet, a comunicação deixa de ser uma atividade profissional para poucos e se torna uma necessidade para responder a uma das necessidades fundamentais do ser humano: relacionar-se.

Diante de tais mudanças, a Igreja Católica, atenta aos “sinais dos tempos”, reconhece que a revolução digital influencia o exercício da fé, ao passo que é interpelada para a criação de estruturas comunicativas para a propagação do Evangelho e de mecanismos que possibilitem cultivar a sua relação com a

sociedade, sobretudo no ambiente da internet.

Tendo, então, abordado o impacto dos efeitos da modernidade líquida nos meios de comunicação da sociedade contemporânea, sobretudo pela presença da internet e os desafios que a Igreja Católica enfrenta ao se inserir neste novo ambiente, é chegada a hora de desenvolver a fundamentação Teológica da Comunicação na Igreja, pautada sobretudo na Sagrada Escritura e no Magistério.

CAPÍTULO II: A TEOLOGIA DA COMUNICAÇÃO

Introdução

O Deus da revelação judaico-cristã é um Deus que sai de si e se projeta para além de si mesmo em gestos sucessivos de comunicação. O primeiro gesto exteriorizado da comunicação de Deus é o da criação que esconde em si os germes de toda comunicação posterior. O Deus da revelação é um Deus criador, que mantém uma relação comunicacional permanente com a criatura. A revelação é, antes de tudo, uma revelação para a comunicação.

O que Deus partilha com o ser humano, desde a criação, é o seu próprio mistério. A comunicação de Deus é autocomunicação²⁰. Ele fala mais de si mesmo, dá-se a conhecer como Aquele que tem um plano de salvação para a criação e revela-se mais plenamente na Palavra que se fez Carne (Jo 1,14), o Verbo. Nessa Palavra se baseia tudo o que Deus quer comunicar ao mundo e aos homens. A encarnação é a manifestação definitiva de Deus entre nós. Por meio dela, Jesus se torna humano em meio aos seres humanos e pode se comunicar com a humanidade de uma forma acessível, porque Ele é o supremo comunicador do Pai.

Quando o homem se fez surdo à Palavra de Deus e Ihe foi desobediente, ele se escondeu do seu Criador (Gn 3,8). Foi preciso aguardar a Palavra que, inclusive, no primórdio dos tempos criou nele a capacidade de escuta (Gn 3,9-10). Essa Palavra é Deus mesmo. Com efeito, Cristo é a Palavra. Não há palavra na história e no mundo que não se refira ao mistério de Cristo. Toda palavra da Escritura proclama Cristo.

O diálogo é o referencial primeiro para definir a comunicação do Verbo e interpretar a história sagrada sob a chave teológica, como se vê na caminhada do povo de Deus do Primeiro e Segundo Testamentos. Assim, Deus vai revelando seu rosto, comunicando seu projeto e, realizando a comunhão de vida com o ser humano.

Neste capítulo buscar-se-á, portanto, fundamentado em passagens da Sagrada Escritura e do Magistério da Igreja, apresentar os conceitos e reflexões teológicas da ação comunicadora de Deus como dom divino ao longo da história da salvação, destacando a comunicação intratrinitária como modelo de comunicação humana e Jesus Cristo como comunicador por excelência.

²⁰ RAHNER, 2015, p. 145.

2.1 Comunicação como dom de Deus

De forma poética, os primeiros capítulos do livro de Gênesis narram a história da Criação como primeira ação comunicadora de Deus, fonte de toda a comunicação que acontece na história da salvação. No começo dos tempos, está a Palavra criadora de Deus, expressão de sua livre vontade. Deus comunica a sua Palavra e o que ele diz é criado. “Ora, a terra estava vazia e vaga, as trevas cobriam o abismo, e um vento de Deus pairava sobre as águas. Deus disse: ‘Haja luz’ e houve luz.” (Gn 1,2). Ele age através de sua Palavra e nada resiste à sua ordem: ao ouvir o som de sua palavra amorosa, a vida emerge.

Na Criação, a palavra pronunciada é também uma intervenção. Deus fala e intervém no caos, organiza-o e chama os seres à existência, tirando-os do nada – ex *nihilo*. Em decorrência disso, a palavra é a porta pela qual Deus entra solene e misteriosamente no universo. Quando Deus dirige a sua Palavra para o vácuo, a criação começa a existir e a se relacionar com seu Criador. Nessa relação, Deus deixa impresso em todas as realidades criadas os seus traços divinos.

A expressão *dabar*²¹ significa tanto o agir como o comando de Deus. A Palavra de Deus é como um mensageiro que executa pontualmente a sua missão: “Assim como a chuva e a neve que caem do céu para fecundar a terra e germinar as sementes e para lá não voltam sem ter cumprido sua missão, assim acontece com a palavra que sai de minha boca: não voltará a mim sem resultado, sem ter executado aquilo que desejo e sem ter cumprido a missão para a qual a enviei” (Is 55,10-11). *Dabar* poderia ser traduzida em muitos casos como “acontecimento”: “Porque Ele fala e tudo é executado, Ele manda e tudo existe” (Sl 33,9).

É criando que a Palavra de Deus rompe o silêncio da eternidade e estabelece um elo entre o criador e a criatura. Os seres recebem do Criador o dom de estar em relação comunicativa consigo mesmo, com os outros e com o próprio Deus. Desta forma “a comunicação inteira é uma admirável lição de comunicação, e o universo é um hino ao Criador, um cântico de glória, um louvor perene”²². Por isso, o salmista exclama: “Os céus cantam a glória de Deus, o firmamento anuncia a obra de suas

²¹ A palavra *Dabar* é um vocábulo hebraico, que significa, segundo os contextos, “palavra” ou “acontecimentos”.

²² BOMBONATTO, 2011, p.108.

mãos” (Sl 19).

Dentre todas as criaturas visíveis, a narrativa bíblica coloca o ser humano no cume da hierarquia dos seres criados, uma vez que somente o ser humano pode conhecer e amar o seu Criador, sendo a única criatura que Deus quis para si mesmo. Na criação do homem e da mulher o Criador revela-se à humanidade e comunica seu projeto de amor ao primeiro homem e à primeira mulher, conferindo-lhes a missão de serem colaboradores e continuadores do projeto da criação. A criação do ser humano é o momento em que a Palavra adquire maior intensidade, se personaliza e se transfigura em diálogo: Deus cria um interlocutor. Sobre esse tema:

Ser um interlocutor de Deus é ter o privilégio de dialogar com o próprio Criador. Diálogo feito de silêncio fecundo, de escuta ativa e de palavras de sabedoria. É trazer no próprio ser a marca indelével da comunicação divina e, portanto, ser vocacionado à sublime e inefável comunicação-comunhão.²³

O homem manifesta-se como o grande ouvinte da Palavra. O sentido de sua existência é, exatamente, o de auscultar Deus, ser faminto de sua palavra. O homem deve deixar que a Palavra do Senhor penetre em seu coração, sedimento e dê frutos.

A pedagogia comunicativa expressa na história da salvação apresenta algumas características peculiares, como o fato de a iniciativa ser sempre de Deus que age com gratuidade e liberdade, comunicando-se de forma dialógica, pessoal, histórica e enculturada. Essa comunicação de Deus, que sai do seu mistério e vai ao encontro do ser humano, estabelecendo com ele um diálogo de amor em vista da salvação é chamada de revelação. Pela Revelação divina – que acontece na história, lugar privilegiado da manifestação do agir de Deus – quis Deus manifestar-se e comunicar-se a si mesmo e os decretos eternos da sua vontade a respeito da salvação dos homens. Sobre a Revelação divina, o documento conciliar afirma:

Em virtude desta Revelação, Deus invisível, no seu imenso amor, fala aos homens como amigos e conversa com eles, para convidar e admitir a participarem da sua comunhão. Esta “economia” da Revelação executa-se por meio de ações e palavras intimamente relacionadas entre si, de tal maneira que as obras realizadas por Deus na história da salvação, manifestem e corroborem a doutrina e as realidades significadas pelas palavras, enquanto as palavras declaram as obras e esclarecem o mistério nelas contido.²⁴

²³ BOMBONATTO, 2011, p.109.

²⁴ DV 2

A história da salvação é a progressiva Revelação de Deus, por isso, a comunicação cristã é a parte integrante e essencial da revelação cristã. No entanto, ao longo da história os homens e mulheres experimentaram o paradoxo de sua condição: à dinâmica do diálogo em contraponto ao movimento do egoísmo e do fechamento em si mesmos. Essa ambiguidade se potencializa quando os seres humanos renegam a sua condição de seres relativos, que necessitam de Deus para sua realização. Ao quererem “ser como deuses” (Gn 3,5) os seres humanos, representados pelas personagens corporativas Adão e Eva, quebram os laços que os vinculam ao Criador.

A história da ambiguidade humana continua à medida que, ao se desenvolverem, as pessoas criam mecanismos que as afastam e dificultam a comunicação com Deus e com os outros. No entanto, a ação comunicadora de Deus não se detém na criação, mas perpassa a história. Depois de difundir seu amor, que O leva a comunicar-se e a criar, Deus centraliza sua comunicação na eleição de um homem para ser o genitor de uma nação. A Palavra chama Abrão, que muda de nome: é Abraão, pai de muitos povos.

A escolha de um povo é um diálogo. A partir de Abraão, cuja circuncisão é o sinal de uma Aliança, Deus se comunica escolhendo um povo que será portador da salvação para todos os povos.

Tendo estabelecido aliança com Abraão (Gn 15,18), e com o povo de Israel por meio de Moisés (Êx 24,8), revelou-se ao povo escolhido como único Deus verdadeiro e vivo, em palavras e obras, de tal modo que Israel pudesse conhecer por experiência os planos de Deus sobre os homens, os compreendesse cada vez mais profunda e claramente, ouvindo o mesmo Deus falar pela boca dos profetas, e os difundisse mais amplamente entre os homens.²⁵

No contexto do Êxodo, Deus se comunica libertando o povo eleito da opressão egípcia, pela mediação de Moisés. E, apesar da ingratidão dos hebreus, manifestada através de constantes murmurações e indiferença às intervenções de Deus, no caminho do deserto, em direção à terra prometida, Ele não desistiu de se comunicar com o seu povo. Em várias outras ocasiões de fechamento do povo de Israel em relação à iniciativa comunicadora de Deus, este nunca abriu mão de seu desejo infinito de entrar em diálogo e comunicação com a criatura amada.

²⁵ DV 14

Num primeiro momento, Ele age por meio dos juízes que, socorrendo o povo nas suas necessidades, mostravam qual era a vontade de Deus a respeito do seu povo. Em seguida, Deus convocou os profetas, homens que falavam em nome de Deus, proclamando a sua vontade, interpretando a sua Palavra: eram os mensageiros do Senhor. Sua missão era recolocar o povo no caminho de volta ao diálogo com Deus, no caminho da comunicação, no caminho da Aliança. Realizar esta missão abrangia dois enfoques no processo comunicativo: em primeiro lugar, significava denunciar os fatos que concorriam para a quebra da comunicação no meio do povo, sobretudo pela idolatria; em segundo, a missão envolvia o anúncio da Palavra de Deus, lembrando a Aliança e convocando o povo à conversão. O profeta falava ao povo em nome de Deus, que punha sua palavra na sua boca (Jr 1,9). Foi através dos profetas, que Deus reconduziu Israel, sempre propenso ao fechamento sobre si e aos tropeços de suas ambiguidades, ao caminho de volta à comunhão com Ele.

Deus, porém, não se contentou em se comunicar com o gênero humano através de mediações humanas, tais como os patriarcas, juízes e profetas. Ele mesmo, na pessoa de seu Filho Unigênito, quis assumir a condição humana, para redimi-la e conduzi-la à comunhão plena, tanto entre os seres humanos - quanto entre eles e Ele. Isto leva o autor da carta aos hebreus a afirmar que: “Muitas vezes e de modos diversos falou Deus, outrora, aos Pais pelos profetas; agora, nestes dias que são os últimos, falou-nos por meio do Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, e pelos quais fez os séculos” (Hb 1,1).

A divindade uniu-se plenamente à humanidade em Jesus Cristo. Na encarnação do Verbo há o ápice da revelação e a comunicação perfeita entre Deus e o ser humano. Deus pôs a sua tenda no meio da humanidade. Eis o princípio fundamental que será elaborado no próximo tópico: Cristo como comunicador perfeito, pois estabeleceu comunhão (comunicação) entre divindade e humanidade.

2.2 Jesus Cristo: comunicador por excelência

Quando chegou a plenitude dos tempos (Hb 1,1), Deus não mais falou por intermediários com o povo. Ao contrário, levou ao extremo a sua proposta comunicativa, enviando seu próprio Filho, como Palavra Eterna. “Depois de ter falado muitas vezes e de muitos modos pelos profetas, falou-nos Deus nestes nossos dias,

sendo os últimos, através de Seu Filho” (Hb 1, 1-2). Ele não é mais um mensageiro como os profetas, mas o próprio Verbo do Pai. Não fala do que ouviu dizer, mas do que conhece e vive. Assim, só Ele pode falar do Pai, porque O viu e sempre existiu no seio do Pai.

Jesus não se limita a pronunciar palavras sublimes sobre Deus, não é somente aquele que leva a mensagem de Deus, mas Ele mesmo é, na completude de seu ser, a Palavra eterna de Deus que se fez homem: ele é a própria mensagem encarnada. “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós; e nós vimos a sua glória, glória que ele tem junto ao Pai, como Filho único, cheio de graça e de verdade” (Jo 1,14). Jesus não se limitou a estabelecer uma simples relação entre Deus e a humanidade por meio de palavras e gestos, mas Ele mesmo, assumindo a natureza humana, torna-se Palavra viva e eficaz e personaliza essa relação; “Ele é o próprio mediador que esta contemporaneamente diante do Pai como Filho e junto à humanidade como irmão”²⁶.

Com efeito, enviou o Seu Filho, isto é, o Verbo eterno, que ilumina todos os homens, para habitar entre os homens e manifestar-lhes a vida íntima de Deus (Jo 1, 1). Jesus Cristo, Verbo feito carne, enviado “como homem para os homens”, “fala, portanto, as palavras de Deus” (Jo 3,34) e consuma a obra de salvação que o Pai lhe mandou realizar (Jo 5,36; 17,4). Com toda a sua presença e manifestação da sua pessoa, com palavras e obras, sinais e milagres, e sobretudo com a sua morte e gloriosa ressurreição.²⁷

Jesus é a plenitude da comunicação entre Deus e a humanidade. Sua vida, missão, morte e ressurreição esgotam o mais perfeito e eficaz modelo de comunicação de todos os tempos e lugares: “Em Cristo Jesus sintetizam-se todos os elementos que constituem o processo comunicativo. Ele é ao mesmo tempo, emissor, código, conteúdo, meio, mensagem e receptor”²⁸.

Para se comunicar com as pessoas, Jesus se inseriu em seus contextos. Ele não só tinha ciência de quem eram seus destinatários, mas viveu como um deles. “Jesus é um homem inserido no meio do povo e isto o garante a palavra sábia que gera força e esperança”²⁹. É esta proximidade do comunicador com seus destinatários que torna sua comunicação fonte de vida.

Nos Evangelhos, muitos são os relatos em que Ele espalha a esperança e

²⁶ BOMBONATTO, 2011, p.113.

²⁷ DV 4.

²⁸ BOMBONATTO, 2011, p.113.

²⁹ LORO, 2010, p. 48.

vida por onde passa. No encontro com o leproso Ele lhe restitui a saúde e o reintegra à vida social (Mt 8,1-4). Na cura do paralítico, apresenta um novo paradigma no qual o perdão de Deus é comunicado não mais por meio de ritos reservados a uns poucos que tinham condições de praticá-los, mas mediante a gratuidade de Deus que se coloca no lugar do pecador e o alcança em sua miséria mais profunda (Mt 9,1-8). No encontro com a mulher adúltera, além de comunicar este novo paradigma do perdão de Deus, ele questiona aqueles que se achavam merecedores dos benefícios divinos, que estando cegos pelo cumprimento dos preceitos, rejeitavam a caridade autêntica e a misericórdia. Muitos outros diálogos poderiam ser descritos, mas que serão preservados considerando a extensão deste trabalho.

As palavras de Jesus bem como todos os movimentos de seu ser eram instrumentos de comunicação divina. Ele todo inteiro é inteiramente a Palavra de Deus. Ele é a Boa Nova de Deus em pessoa. Tudo n'Ele manifesta a obra de Deus. Neste sentido, Jesus não tem dois modos de existir. Ele é o mesmo, quer esteja no meio do povo, quer esteja no templo, quer esteja entre os doutores da lei, quer esteja com seus discípulos. No entanto, nem todos estavam dispostos a assumir em suas vidas as exigências do Reino anunciadas por Ele: a verdade, a justiça e o amor. Eis porque "Ele falava como quem tem autoridade" (Lc 4,32), porque não existia uma dicotomia entre os valores que Ele proclamava por seus lábios e aqueles valores que ele transmitia por suas atitudes. Tudo n'Ele era coerência total com a vontade de Deus, conforme descreve o teólogo Diez:

Em primeiro lugar, Jesus é o expoente supremo da comunicação ou do encontro entre Deus e o homem na história da humanidade. Em segundo lugar, ele é "comunicador por antonomásia", o "perfeito comunicador". Nenhum outro homem apresenta títulos mais legítimos para ser chamado o "mensageiro de Deus". Ele representa a plenitude da comunicação e comunhão com Deus e com os homens.³⁰

Sua pregação era atrativa porque não somente falava sobre o amor, mas se autorrevelava como amor: no seu modo de acolher, de olhar, de considerar o contexto de quem cruzava o seu caminho, no seu modo de falar e até mesmo de silenciar-se (Jo 8,6). Ele não só falava sobre a Verdade, mas tudo n'Ele era expressão da verdade. Ninguém que lhe cruzasse o caminho e lhe abrisse o coração sairia indiferente de seu amor.

³⁰ DIEZ, 1997, p. 212.

O gesto supremo de comunicação de Jesus foi a sua morte na cruz e sua ressurreição. Jesus oferece a sua vida por resgate de muitos, e a sua morte é interpretada pelas primeiras comunidades cristãs como sacrifício de reconciliação e, de comunicação, em vista da comunhão de toda a humanidade com Deus. Por amor, Jesus assume a tragédia da morte, consequência do pecado da incomunicação e do afastamento de Deus, transformando-a em sinal supremo de amor e em caminho eficaz de salvação³¹.

A ressurreição do crucificado por parte de Deus transforma a cruz. Ela não deixa de ser expressão da capacidade humana de crueldade e destruição, mas mostra que a ressurreição é o “grande gesto de amor comunicativo do Pai para com seu Filho, na força do Espírito e, por meio dele, para com toda a humanidade.”³² Assim, pela encarnação Deus realiza um salto comunicativo de qualidade: com seu Filho, Jesus de Nazaré, não dialoga mais por um anúncio invisível, mas com a presença pessoal de seu Verbo eterno, o Filho amado, que precisa ser escutado e seguido (Mc 9,6-7). Dessa forma, na entrega do seu Filho único para a salvação da humanidade, Deus anuncia de maneira plena e eterna seu projeto de comunicação para todos os seus filhos³³.

Jesus é o perfeito comunicador, portanto, o modelo de comunicação para toda a humanidade, de modo especial para aqueles que se dedicam ao trabalho da comunicação. O Espírito Santo, por sua vez, é o princípio eterno de comunhão tanto em sua dimensão intra como extratrinitária. Em outros termos, o Espírito é o elo de comunhão entre o Pai e o Filho, exercendo este mesmo papel entre os seres humanos e toda a criação. É sobre o Espírito Santo e a comunicação intratrinitária que trata o próximo tópico desse estudo.

2.3 Comunicação Trinitária: modelo para a comunicação humana

Discorrer sobre a Trindade é sempre refletir sobre o maior mistério da fé cristã. Não se pode fazê-lo senão por analogia, por aproximação, já que tal mistério de fé não cabe nos limitados critérios humanos. Diante do inefável mistério, a postura adotada para este estudo é de reconhecimento dos limites: não há a pretensão de

³¹ DECOS-CELAM, Para uma teologia da comunicação na América Latina, 1984, p. 132.

³² BOMBONATTO, 2011, p. 122

³³ DIRETÓRIO DE COMUNICAÇÃO, n. 42.

esgotar sua riqueza, mas, de buscar aproximação de sua compreensão e os desdobramentos na realidade da comunicação humana.

A Primeira Aliança, como abordada anteriormente, foi uma preparação para a manifestação total da comunicação divina que aconteceria na plenitude dos tempos, com a encarnação do Verbo (Jo 1,14). Todavia, quando Jesus se apresenta no cenário da história humana, como o Verbo de Deus feito carne, com ele também se revela o Espírito Santo. Sobre essa relação, Diez discorre:

Uma teologia cristã da comunicação deve, porém, contar obrigatoriamente com o Espírito Santo. Se a cristologia nos apresenta Jesus, o Cristo, como Palavra e Ícone de Deus e modelo singular de comunicação, a pneumatologia nos apresenta o Espírito Santo como agente principal da comunhão e da comunicação intra e extratrinitárias.³⁴

Cristo, portanto, não age sozinho. Sua missão está intimamente ligada à missão do Espírito, que o conduz a fazer sempre a vontade do Pai. “Quando o Pai envia seu Verbo, envia sempre seu sopro: missão conjunta em que o Filho e o Espírito Santo são distintos, mas inseparáveis³⁵.”

É possível identificar nos escritos do Novo Testamento o Espírito Santo agindo na vida do próprio Jesus. Também chamado de Paráclito, pelo Cristo (Jo 14,22), o Espírito está presente em todo o processo da Revelação divina à humanidade e de forma ainda mais expressiva na revelação do Filho de Deus ao mundo. É pela ação do Espírito que Maria fica grávida (Lc 1,35), é o Espírito Santo quem conduz Jesus ao deserto para ser tentado pelo demônio (Lc 4,1) e, é pela força do Espírito que Jesus inicia a sua pregação dos mistérios do Reino (Lc 4,14). É o mesmo Espírito que O ressuscita dos mortos (Rm 8,11). É, ainda, o Espírito Santo, a força do alto, que sustentará os discípulos em sua missão de comunicar por todo o mundo a salvação de Deus (At 1,8).

O Espírito Santo é o agente central da comunicação intratrinitária. É o elo de comunicação entre o Pai e o Filho, vértice do amor-comunhão entre as pessoas divinas. Em Deus Trindade, a mais perfeita unidade e a mais rica pluralidade coincidem um só Deus e três pessoas. Deus é único, mas não solitário. Boff apresenta as relações de origem entre as três Pessoas distintas:

³⁴ DIEZ, 1997, p. 251

³⁵ CIC, 689.

Atribui-se ao Pai a criação, porque Ele é dentro da Trindade o gerador e expirador (junto com o Filho); ao Filho se atribui a revelação porque Ele é na Trindade a expressão e revelação do Pai; atribui-se a Ele a redenção porque foi Ele quem se encarnou e nos libertou; atribui-se ao Espírito Santo a santificação porque Ele é chamado, por excelência, o Santo. Tais ações são apropriadas por esta ou aquela Pessoa, embora sejam comuns às três.³⁶

Sendo assim, o modo de comunicar da Trindade leva em consideração a diversidade do outro, já que embora sendo iguais em sua natureza e agindo sempre conjuntamente, em íntima união, cada uma das três pessoas trinitárias tem sua missão específica na economia da salvação: é um processo de relações que se expressa em uma profunda unidade na diversidade. Joana Puntel o descreve como “um processo relacional dinâmico, expresso através da pluralidade, sempre respeitando as diferenças, as identidades.”³⁷ Ainda sobre esse tema:

Elemento fundamental da comunhão intratrinitária é o fato de que a união entre as pessoas divinas não suprime as diferenças e a individualidade própria de cada uma. Antes, as diferenças são pressupostos de união. Por meio da comunhão recíproca, as três pessoas divinas constituem um único Deus Amor.³⁸

A autocomunicação, que produz uma comunhão profunda entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, possibilita a contemplação da plena interpenetração das pessoas divinas entre si. Refere-se a uma interpenetração de amor, de um dom mútuo vivido pelas pessoas trinitárias que, na teologia, recebe o nome de Circunsessão ou Pericorese, e que deve inspirar as relações entre os seres humanos. Leonardo Boff apresenta a definição desses termos:

Tal realidade [de interpenetração de amor entre as pessoas divinas] é expressa pela palavra grega pericorese ou pelas latinas circuminsessão ou circumincessão. Como a filologia dos termos sugere, significa: a coabitação, coexistência e a compenetração das Pessoas divinas entre si. Há uma circulação total da vida e uma coigualdade perfeita entre as Pessoas, sem qualquer anterioridade, ou superioridade de uma à outra. Tudo nelas é comum e é comunicado entre si, menos aquilo que é impossível de comunicar: o que as distingue umas das outras. O Pai está todo no Filho e no Espírito; o Filho está todo no Pai e no Espírito Santo; e o Espírito Santo está todo no Pai e no Filho. Daqui derivamos a utopia da igualdade, respeitadas as diferenças, da comunhão plena e das relações justas para a sociedade e a história.³⁹

³⁶ BOFF, 1986, p. 122.

³⁷ PUNTEL, 1994, p. 32.

³⁸ BOMBONATTO, 2011, p. 112.

³⁹ BOFF, 1986, p. 122.

Pai, Filho e Espírito Santo são modelos de unidade na diversidade. Eles colaboram intimamente para a realização do seu projeto divino na história humana. Criando, salvando e santificando, o Pai, o Filho e o Espírito Santo redimem os seres humanos e glorificam para sempre a comunicação em suas dimensões humanas e divinas. “A Trindade é, por sua natureza, comunicadora”⁴⁰.

Na Trindade não há exclusão, mas perfeita intercomunhão de amor. E Deus, no imenso desígnio de seu amor, procurará, no decorrer da história, não somente comunicar-se com os homens, mas também contribuirá para que a comunicação entre eles seja profundamente marcada por este amor que emana da vida intratrinitária. Portanto, a Trindade será sempre a pedra fundamental sobre a qual o ser humano é chamado a construir e desenvolver sua capacidade de comunicação⁴¹. É nela que o ser humano deve se inspirar para estabelecer suas relações com seus semelhantes e com o amplo e diversificado mundo que o cerca.

O processo de comunicação que se realiza na intimidade das três pessoas divinas transborda envolvendo o ser humano, vocacionado a participar desse fluxo comunicativo. Desta forma, somente a partir do mistério da comunhão trinitária é possível perceber a sublime vocação do ser humano à comunicação e compreender o verdadeiro significado e o valor da comunicação humana. Esse elemento da relação Trinitária deve inspirar as relações humanas: a comunicação entre os seres humanos deve ser um acontecimento que gera alegria, inclusão e complementariedade.

Os seres humanos são chamados a fazer da experiência comunicativa um reflexo da circulação pericorética do amor do Deus. Em outras palavras, os princípios eternos vividos pela Trindade, no seu modo de se autocomunicar, tais como: o amor, a justiça e a verdade, que se desdobram em comunhão, em respeito pela diversidade e em valorização do outro, em liberdade, em gratuidade e solidariedade devem inspirar também o modo de a humanidade vivenciar o dom da comunicação.

Os primeiros cristãos, animados pela força inspiradora da Palavra e do amor fraterno, tornavam-se verdadeiros comunicadores do projeto de Jesus Cristo. A comunicação entre eles estabelecia relações e criava um ambiente de união: “colocavam em comum todas as coisas” (At 2,42). Tal experiência de fé no

⁴⁰ DIRETÓRIO DE COMUNICAÇÃO, n. 39.

⁴¹ PUNTEL, 1994, p. 32.

Ressuscitado, vivida comunitariamente, inspirada e impulsionada pelo Espírito Santo, tornou-se modelo de comunicação para todos os cristãos em todos os tempos.

Conclusão

Na criação do homem e da mulher e de todos os seres, Deus revelou-se como autor e comunicador da vida em sua expressão mais ampla e profunda: o Criador revela-se à humanidade e comunica seu projeto de amor à humanidade, conferindo-lhe o dom da relação. A predileção de Deus pelo ser humano na criação exige uma resposta livre e uma abertura ao diálogo e o acompanha por toda a história, mesmo quando pela liberdade humana, há a incomunicação e o rompimento da aliança.

Por intermédio de seu Filho, Deus revela de forma plena seu grande amor pela humanidade e comunica seu plano de salvação para todos. Cristo, o Verbo encarnado, revela-se como autocomunicação do amor de Deus pelos seres humanos, recapitulando tudo em si para o Pai, rompendo a cadeia de incomunicabilidade humana, orientando-a em direção a um futuro de plena comunhão. Na entrega de seu Filho único para a salvação da humanidade, Deus comunica de maneira plena e eterna seu projeto de comunicação para todos os seus filhos.

O Espírito é responsável pela revelação de Deus e, em simultâneo, pelo seu conhecimento e aceitação. A missão comunicadora da terceira Pessoa da Trindade na história humana ultrapassa as fronteiras da memória, do ensinamento e da instrução. Sua função comunicadora engloba as relações de comunicação interna da comunidade. O Espírito Santo é, portanto, e sempre em união com o Cristo, o princípio supremo de comunhão, sendo a meta última de toda comunicação. É Ele quem faz da Igreja um mistério de comunhão, sinal do Reino e continuadora da missão de Cristo. A Igreja desejada por Deus Pai, concretizada pelo Verbo e manifestada pelo Espírito Santo assume a missão de Cristo, a qual é continuada pelos Apóstolos, para levar as pessoas à comunhão com o Pai, pelo Filho, no Espírito Santo. É esse o aspecto que será abordado no próximo capítulo: o caminho que a Igreja, por meio do seu magistério, percorreu para compreender os processos comunicacionais e o uso da técnica como condição essencial para o êxito de toda a sua ação evangelizadora frente aos desafios da modernidade líquida.

CAPÍTULO III: A IGREJA E A COMUNICAÇÃO

Introdução

“Vão pelo mundo todos, proclamem o Evangelho a toda criatura” (Mc 16,15). A exortação de Jesus pouco antes de sua ascensão interpela a um grande desafio os apóstolos, e sucessivamente, todos os cristãos: anunciar o Evangelho, a Palavra, a Boa-Nova da salvação, a toda a humanidade. Os primeiros discípulos responderam com empenho e audácia essa missão: “Eles partiram e pregaram por toda a parte” (Mc 16,20).

“Evangelizar, constitui de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade, ela existe para evangelizar⁴²”. Desde sua origem, a Igreja usou todos os meios disponíveis para cumprir essa missão de “comunicar o Evangelho seguindo o mandato e desejo do Mestre”. Os apóstolos pregaram nas praças, nas sinagogas, nos templos, nas montanhas, na beira dos rios e lagos, em todo lugar onde as pessoas se encontravam.

A Igreja, em cada período da história, utiliza e vive todos os aspectos da comunicação. Em alguns momentos, esteve mais evidente uma dimensão ou outra: por vezes a comunicação interpessoal, outras a verbal e social, também a relacional e, atualmente, a digital. A Igreja fez muito no campo da comunicação, mudando sua postura à medida que compreendia melhor os instrumentos comunicacionais e a realidade. Por isso, é importante conhecer, a relação Igreja-comunicação ao longo da história para compreender a sua própria missão: comunicar o Evangelho.

Neste capítulo buscar-se-á, portanto, apresentar os passos significativos que a Igreja deu ao longo da história no que diz respeito à sua missão fundamental: comunicar o Evangelho. Baseado na obra de Darlei Zanon, “Comunicar o Evangelho, panorama histórico do magistério da Igreja sobre a comunicação”, serão definidos e apresentados três momentos da relação Igreja-comunicação: “das praças ao púlpito”, “do púlpito ao estúdio” e do “estúdio novamente às praças”. Essa abordagem tem o intuito ressaltar as respostas da Igreja aos desafios da comunicação na modernidade líquida, sobretudo no que se refere à evangelização no ambiente virtual, a nova “ágora digital”.

⁴² EN, n. 14

3.1 Das praças ao púlpito

Durante os primeiros anos da sua história, a comunicação da Igreja foi marcada por uma relação pessoal, de proximidade, pela dimensão relacional e dialógica, com grande ênfase na tradição oral e não verbal (corporal e simbólica) da comunicação. O livro dos Atos dos Apóstolos descreve com precisão os primeiros passos na relação entre comunicação e Igreja: com uma comunicação sobretudo oral, seguindo a tradição da época, os discípulos foram de cidade em cidade, de sinagoga em sinagoga, de praça em praça, anunciando a mensagem da salvação e transmitindo os ensinamentos de Cristo, a boa notícia que salva e dá a vida. “Vocês serão minhas testemunhas em Jerusalém, em toda Judeia e Samaria, e até os extremos da terra” (At 1,8). Zanon afirma que “a comunicação na Igreja é itinerante e parte das ‘praças’, que são basicamente o ‘fórum’⁴³ das cidades romanas, e o areópago e a ágora⁴⁴, nas cidades gregas”⁴⁵.

As primeiras comunidades cristãs foram fundadas nos arredores de Jerusalém, os participantes eram todos os que aceitavam o batismo, e uma vez que lhes era comunicado o Evangelho, assumiam um novo estilo de vida em comum. Durante o século III, as Igrejas domésticas eram a principal forma de organização da nascente Igreja cristã:

Como não existiam templos cristãos, as pessoas se reuniam em casas de família, em geral famílias com posses, que tinham uma casa suficientemente grande para acolher um certo número de fiéis. Daí o conceito de igrejas domésticas, que surge no termo *domus ecclesiae* (do latim: ‘casa da assembleia reunida’) e se refere às residências privadas (*domus*) onde se reuniam os primeiros cristãos.⁴⁶

Com o passar do tempo, os apóstolos e os primeiros discípulos, testemunhas oculares de Jesus, que com ele viveram e aprenderam, foram martirizados e isso

⁴³ “O fórum, no Império Romano, era um espaço público, onde se concretizava a vida política e comercial, onde se faziam ritos religiosos e se desenvolvia boa parte da vida social, onde todos os cidadãos podiam se exprimir livremente.” ZANON, 2021, p. 28.

⁴⁴ “Nas cidades gregas, a praça pública propriamente dita era chamada de ágora. Na ágora, encontravam-se todos, elite e povo, rico e pobre, homens e mulheres, adultos e crianças. Era o mercado público. Ao contrário do fórum, a ágora era um espaço muito mais democrático e horizontal. Um lugar que favorece o encontro, as relações, a troca de conhecimentos e a partilha de experiências e culturas. Era o coração pulsante da sociedade, o lugar privilegiado de encontro e partilha.” ZANON, 2021, p. 28.

⁴⁵ ZANON, 2021, p. 29.

⁴⁶ ZANON, 2021, p. 30.

limitou a transmissão oral do Evangelho. Outro fator que contribuiu para tal limitação era a dificuldade de levar a mensagem aonde os apóstolos não podiam ir pessoalmente, visto que as comunidades cristãs começavam a se multiplicar do Ocidente ao Oriente. Neste cenário, os cristãos fixaram seus testemunhos orais em forma escrita, nascendo assim as primeiras cartas e os textos dos Evangelhos, com a narração da vida e do ensinamento de Jesus.

A passagem do Evangelho oral ao Evangelho escrito se tornou necessária quando as testemunhas da chamada “primeira hora” começaram a dispersar-se, e sobretudo, depois da queda de Jerusalém (ano 70 d.C), que fez o cristianismo se repensar e se reconstruir após perder seu ponto de referência institucional. Zanon ressalta que “os escritos eram tidos como Palavra viva”⁴⁷. É importante ressaltar que toda obra escrita depende de alguns fatores com a intenção do escritor e a interpretação dos destinatários, assim, também, - a influência grega e latina começa a ser assumida e incentivada nos primeiros escritos cristãos, como forma de universalidade da mensagem salvífica.

Através das cartas, é possível identificar, a adequação de Paulo a cada interlocutor. O apóstolo buscou a forma mais apropriada para cada comunidade: “tornei-me tudo para todos, a fim de salvar alguns a todo custo; e tudo isso eu faço por causa do Evangelho, para me tornar participante dele.” (1Cor 9,19-23). Paulo não dependia da técnica, da retórica ou de sua eloquência, mas da qualidade das relações, do testemunho e, sobretudo, do conteúdo: a Palavra viva. Depois de Paulo, a comunicação através de visitas e cartas se tornou uma prática comum nas primeiras comunidades. Em todo esse processo de se lançar em novos territórios, culturas e povos, Paulo sempre foi ajudado por uma rede de colaboradores – que hoje poderíamos identificar como agentes de pastoral.

O livro dos Atos dos Apóstolos narra ainda muitas visitas pastorais e encontros frequentes entre membros de diversas comunidades, normalmente com a finalidade de colaborar na formação e consolidação delas. “As visitas e as cartas eram os principais instrumentos de comunicação que geravam comunhão e conectividade entre as comunidades”⁴⁸. Essa interação entre as comunidades permite estruturá-las como uma rede social. Neste sentido, desde as primeiras comunidades cristãs, sempre foi possível criar laços de comunicação entre os “nós” constitutivos de uma

⁴⁷ ZANON, 2021, p. 33

⁴⁸ ZANON, 2021, p. 39

rede social:

Quando recordamos as perseguições e tentativas de aniquilamento dessas primeiras comunidades, percebemos quão importante foi a estrutura coesa, que facultava uma série de laços. As comunidades perseguidas podiam facilmente juntar-se a outras, ou serem reconstruídas a partir de comunidades com as quais tinham relação direta. Destruir um dos núcleos desta rede praticamente não influenciava o todo, pois havia coesão e comunicação muito fortes enquanto rede. Mesmo que a comunidade de Jerusalém fosse destruída, como de fato foi no ano 70 d.C., a rede facilmente se recompunha.⁴⁹

Logo depois desta primeira geração de comunicadores (apóstolos e primeiros discípulos), outros evangelizadores deram continuidade à pregação nas praças. A partir do século II começaram a surgir diversos novos escritos. São muito conhecidos os estudos, cartas e reflexões especialmente ligados aos chamados Padres da Igreja como, por exemplo, Agostinho de Hipona. A eles, remete-se um segundo movimento comunicacional, não mais ligado às primeiras testemunhas, mas de seguidores que receberam o Evangelho através de algum intermédiano – dos apóstolos e outros discípulos – ou dos próprios textos neotestamentários. Com eles, há o princípio da teologia feita em contato direto com o povo e a comunidade cristã das praças, ou seja, da realidade concreta, como resposta a problemas concretos vividos cotidianamente, por exemplo, o combate às heresias ou o aprofundamento das doutrinas já formuladas.

Ao lado dessas reflexões conceituais, em vista de uma sistematização da fé e da doutrina, a fim de facilitar a catequese, desenvolve-se também uma liturgia viva:

A liturgia é outra forma e lugar de profunda comunicação: de Deus ao ser humano e com o ser humano, e dos homens e mulheres entre si. Na liturgia entramos em comunhão/comunicação com a Trindade e entramos em comunhão com o nosso próximo. A liturgia não é um espetáculo (teatro) ao qual os cristãos vão assistir, mas um verdadeiro momento de encontro e diálogo. Uma ocasião propícia para partilhar: a comida, a vida, os pensamentos, os sentimentos, os anseios, as dificuldades etc.⁵⁰

No ano de 313, com a grande difusão do cristianismo, o imperador Constantino concedeu liberdade de culto aos cristãos, e, mais tarde, em 380, Teodósio declarou-o religião oficial do Império Romano. A ascensão do cristianismo trouxe muitos benefícios e, aos poucos, a relação de comunicação da Igreja também

⁴⁹ ZANON, 2021, p. 39.

⁵⁰ ZANON, 2021, p. 41

mudou: a Igreja deixou as praças para começar a comunicar o Evangelho a partir dos púlpitos. E, assim, há uma novo período ou fase da comunicação eclesial.

3.2 Do púlpito ao estúdio

O cristianismo como religião oficial do Império Romano era livre para construir seus templos e para neles pregar. Podia testemunhar o Evangelho sem medo ou perseguição. Deu-se assim a passagem da comunicação das ruas, praças e casas familiares para o interior dos templos, capelas, igrejas e catedrais. Consolidaram-se desse modo, como símbolo maior do local de pregação (comunicação) da Palavra, a sede-cátedra e o púlpito. O termo vem do latim *pulpitum*, sobre o qual afirma Zanon:

Nas igrejas antigas, há grande destaque para o púlpito, sendo uma plataforma elevada, normalmente esculpido com imagens ligadas à Sagrada Escritura. É um local elevado, para facilitar a acústica num tempo em que não existiam microfones e os alto-falantes. O pregador subia no púlpito para proclamar o Evangelho e fazer a sua meditação ou explicação (homilia/sermão), para comunicar uma mensagem. É forte e preponderante, portanto, o elemento docente, característica fundamental do magistério da Igreja.⁵¹

A partir do púlpito, o comunicador apenas fala (ensina magistralmente, de fato), raramente interage, não recebe uma resposta imediata, como acontecia nas praças. Não há diálogo, mas sim monólogo. O encontro e as relações são fragilizados, pois a escuta por parte do emissor da mensagem ficou restringida. O pregador detém a Verdade – e não há o que contestar, pois anuncia o Evangelho – e transmite a Verdade à assembleia reunida. Além do Evangelho, intuitivamente, tudo o que os clérigos começaram a comunicar passou a ser interpretado e assumido como verdade, como conteúdo indiscutível, como certezas absolutas. Uma lógica que perdurou por séculos.

Nos mosteiros, desenvolvem-se outras formas de comunicação como livro. Alguns monges, chamados copistas ou amanuenses, passavam toda a sua jornada, por anos, apenas transcrevendo livros, copiando manuscritos. Os mosteiros, foram os pioneiros na passagem do púlpito ao estúdio. Sobre essa mudança, Zanon destaca:

Não um estúdio técnico e eletrônico, como conhecemos hoje, mas estúdio criativo, a biblioteca e o local de estudo. Em cada cela do mosteiro existe

⁵¹ ZANON, 2021, p. 50.

juntamente uma parte chamada estúdio, que é onde o monge, que vive isolado, passa boa parte do seu tempo lendo, refletindo, aprofundando temas, escrevendo e transcrevendo.⁵²

A Igreja, até então, fazia uso de cartas e outros textos, mas isso não era considerado um meio de comunicação “social”, porque era personalizado, manuscrito e não era produzido em larga escala. A partir de Gutemberg, no século XV, a impressão de livros começa a ser feita em série. O livro impresso é, portanto, o primeiro meio de comunicação social de massa. Então, começa-se a mudança do púlpito – que tinha como carecterística uma comunicação personalizada para um grupo limitado - para o estúdio, que depois receberá o nome de *mass media*, comunicação social de massa, cuja característica é a presença de um único emissor e um número incalculável de receptores, sem a limitação de tempo e espaço. “Começa uma forma de comunicar não presencial (fisicamente) e não contextualizada, unidirecional e não relacional, social e não mais interpessoal”⁵³.

As cópias aumentaram vertiginosamente e o livro se transformou em um instrumento para a difusão de ideias na sociedade, ao mesmo tempo que um perigoso sabotador do monopólio eclesiástico do saber, além de ser um potencial pregador de heresias, de modo particular a embrionária heresia protestante. A revolução cultural introduzida pela produção em série de livros, somada ao surgimento de outras técnicas relacionadas à comunicação como os semanários em 1660, o telégrafo elétrico em 1835, a fotografia em 1826, o telefone em 1876, o fonógrafo em 1877, o cinema em 1895, o rádio em 1900, a televisão em 1924, o computador em 1943 e a internet em 1969 “causaram uma revolução comunicativa que não poderia passar despercebida e sua pericorosidade não demorou a ser objeto de atenção da Igreja”⁵⁴.

Neste período, a Igreja começou a adotar uma postura restritiva em relação à comunicação, uma visão negativa, de censura e repressão, destacando males que estes meios podiam causar:

A Igreja sentia que a “verdade” que proclamava exclusivamente do púlpito era ameaçada, principalmente pelas nascentes Igrejas protestantes e por diversas ideologias como o iluminismo, modernismo, humanismo agnóstico. Sentia que a sua supremacia, simbolicamente expressa pela cátedra, que reflete a mesma lógica do púlpito, estava em risco. O centro da atenção

⁵² ZANON, 2021, p. 54.

⁵³ ZANON, 2021, p. 55.

⁵⁴ ZANON, 2021, p. 57.

passou a ser os perigos, como o abuso ou o mau uso das novas técnicas e invenções.⁵⁵

Esse cenário manifesta a dificuldade da Igreja, à época, em abandonar a “lógica do púlpito” e assumir a “lógica do estúdio”, da livre produção e difusão de ideias. Mostra a dificuldade inicial que a Igreja teve de assumir a revolução cultural trazida pela tipografia e, posteriormente, pelos meios elétricos:

A Igreja se posicionou em geral “contra” – contra a imprensa, contra a Reforma, contra as Revoluções (francesa e industrial), contra os meios técnicos... – não compreendendo que a verdade e a informação não eram mais prerrogativas do poder social e eclesial, que o conhecimento não estava apenas vinculado à relação mestre-discípulo, que o pensamento não era mais uniforme, elementos que as igrejas protestantes assumiram em sua natureza.⁵⁶

Com o passar do tempo, a Igreja foi mudando sua postura, entrando também ela, de modo assertivo, nos estúdios. Leão XIII (1810-1903) considerava os meios de comunicação de massa um importante instrumento de opinião e afirmava que a Igreja poderia utilizá-los para a evangelização. Zanon destaca que é uma atitude tímida, com muita prudência e cautela, como um período de transição da censura à neutralidade, um olhar curioso, mas ao mesmo tempo desconfiado.⁵⁷ Foi Leão XIII quem convocou as dioceses a terem seus próprios semanários para combater, sobretudo, as atitudes anticlericais da época.

Do texto às imagens, a lógica da Igreja não se alterou muito. As primeiras gravações cinematográficas, por exemplo, foram vistas como produções “demoníacas”, contrárias à fé. Da simples desconfiança, passou-se à oposição e combate aberto. Surgiram logo documentos pontifícios com o objetivo de informar e alertar os fiéis para os males e perigos presentes nos filmes. Aos poucos, porém, a Igreja começou a entender a potencialidade desta nova linguagem também para transmitir a verdade do Evangelho. Os documentos sucessivos como, por exemplo, a encíclica *Vigilanti Cura* (1936) de Pio XI, procuraram orientar os cristãos a verem somente filmes que promovessem os valores e virtudes. Ao mesmo tempo, a Igreja passou a orientar os produtores de cinema, incentivando a produção de filmes bíblicos ou ligados ao Evangelho.

⁵⁵ ZANON, 2021, p. 59.

⁵⁶ ZANON, 2021, p. 62.

⁵⁷ ZANON, 2021, p. 63.

O primeiro documento que tratou dos meios de comunicação de modo integral e completo foi o *Inter Mirifica* (1963), como fruto da reflexão do Concílio Vaticano II. Nesse período, a Igreja começava a assumir de forma plena a “lógica do estúdio”.

É verdadeiramente um divisor de águas, uma mudança de paradigma em relação ao modo como o magistério viu e definiu os meios de comunicação até então, pois “consagra” a comunicação como verdadeira pregação ao lado da pregação oral tradicional. A Igreja assume plenamente o “estúdio” como espaço de missão e evangelização.

O mérito do *Inter Mirifica* é enfatizar que a Igreja deve usar os meios de comunicação para evangelização, deve adaptar-se às novas tecnologias, assumi-las. O *Inter Mirifica* afirma, ainda, que é função da Igreja ensinar o reto uso destes meios, educando para um agir ético e para a formação da opinião pública. O decreto abriu um caminho curioso, mostrando que o Concílio Vaticano II estava atento aos sinais dos tempos e às tendências culturais e sociais.

Outra forte contribuição do *Inter Mirifica* para a Comunicação foi o estabelecimento do Dia Mundial das Comunicações Sociais (DMCS) por decisão dos bispos do conciliares e aprovação do papa Paulo VI. No decreto não consta uma definição do nome do evento, referindo-se apenas a “dia mundial”, no entanto, o item 18 do texto conciliar, explica a finalidade de fixar no calendário da Igreja uma data específica às para refletir sobre as comunicações:

Para que se revigore o apostolado da Igreja em relação com os meios de comunicação social, deve celebrar-se em cada ano em todas as dioceses do mundo, a juízo do Bispo, um dia em que os fiéis sejam doutrinados a respeito das suas obrigações nesta matéria, convidados a orar por esta causa e a dar uma esmola para este fim, a qual ser destinada a sustentar e a fomentar, segundo as necessidades do orbe católico, as instituições e as iniciativas promovidas pela Igreja nesta matéria.⁵⁸

Desde então, as mensagens dos papas por ocasião desse dia abordam sempre uma temática atual referente às reflexões sobre os conceitos teóricos e práticos da comunicação, fundidos com uma pitada de teologia e visão pastoral para a instrução do povo no que tange à reflexão, discussão, oração e deveres em relação às questões de comunicação.

Através do *Inter Mirifica*, o Concílio Vaticano II solicitou a instituição do Pontifício Conselho para a Comunicação Social. É esse Dicastério que responsável

⁵⁸ IM, n,18.

por elaborar os documentos *Communio et Progressio* (1971) e *Aetatis Novae* (1992). A instrução pastoral *Communio et Progressio* reconhece que os meios de comunicação social têm uma linguagem própria, nova e; que são fundamentais para a educação da humanidade e a difusão da cultura. “Surge, pois, a necessidade de usar, quanto possível, os meios de comunicação social, para apresentar a mensagem cristã, de um modo mais interessante e eficaz, encarnando-a no estilo próprio de cada um desses meios”⁵⁹. Esta instrução pastoral oferece uma orientação doutrinal decisiva e vigorosa às pesquisas sobre os meios de comunicação, com uma visão teológica e pastoral profunda. Nela, encontra-se a definição de Cristo como “comunicador perfeito”⁶⁰ e a afirmação de que a Igreja é o instrumento histórico da comunicação salvífica para todos os homens e mulheres.⁶¹

A instrução *Aetatis Novae*, publicada por ocasião do 20º aniversário da *Communio et Progressio*, trata da revolução provocada pelos meios de massa e confirma, de modo incisivo, a necessidade do uso dos meios de comunicação para a evangelização. A instrução assume o caráter pastoral ao afirmar que, juntamente com os meios tradicionais como testemunho de vida, o contato pessoal, a piedade popular e a liturgia, os meios de comunicação social são essenciais para a evangelização e a catequese.

Na sequência está a *Redemptoris Missio*, carta encíclica sobre o mandato missionário da Igreja escrita pelo papa João Paulo II em 1990. Com esse documento, a Igreja apresenta a mudança de perspectiva sobre a comunicação: reconhece a constituição de uma nova cultura na sociedade e decide entrar nesse novo ambiente. A Igreja compreende que a comunicação alcançou o patamar de elemento articulador na sociedade e entende que para atuar nesse novo areópago dos tempos modernos é preciso formação e competência nos eixos que lhe permitirão restabelecer o diálogo entre fé e cultura:

O primeiro areópago dos tempos modernos é o mundo das comunicações, que está a unificar a humanidade, transformando-a — como se costuma dizer — na “aldeia global”. Os meios de comunicação social alcançaram tamanha importância que são para muitos o principal instrumento de informação e formação, de guia e inspiração dos comportamentos individuais, familiares e sociais. (...) O uso dos *mass-media*, no entanto, não tem somente a finalidade de multiplicar o anúncio do Evangelho: trata-se de um fato muito mais profundo porque a própria

⁵⁹ CP, n. 131.

⁶⁰ CP, n. 11.

⁶¹ CP, n. 22.

evangelização da cultura moderna depende, em grande parte, da sua influência. Não é suficiente, portanto, usá-los para difundir a mensagem cristã e o Magistério da Igreja, mas é necessário integrar a mensagem nesta “nova cultura”, criada pelas modernas comunicações.⁶²

Na América Latina, a Igreja deu os primeiros passos significativos para a utilização dos meios de comunicação sobretudo a partir da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, de Puebla (México), em 1979. No documento final desse encontro os bispos destacam que “a evangelização, anúncio do Reino, é comunicação, por isso a comunicação social deve ser levada em conta em todos os aspectos da transmissão da Boa-nova”.⁶³ Puebla deu grande impulso aos movimentos sociais da Igreja, o que levou a uma abertura da mentalidade e a uma ação mais concreta nas comunidades.

No cenário brasileiro, mediante a necessidade de articular as diversas iniciativas comunicacionais, a Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), foi estruturando sua comunicação em vista da evangelização e do diálogo com a sociedade. Efetivamente, na 49ª Assembleia Geral dos Bispos do Brasil, em 2011, foi aprovada a Comissão Episcopal Pastoral da Comunicação, com o objetivo de animar e articular a Pastoral da Comunicação (PASCOM) bem como os meios e os processos comunicativos da Igreja no Brasil, em atenção às especificidades de cada região quanto à sua cultura, desafios e realizações na área da comunicação.

A expressão “Pastoral da Comunicação” nasce da conjunção de duas realidades, amplas e complexas; pastoral e comunicação. Ambas estão ligadas pela preposição “da”, que indica aquilo da qual a pastoral é parte: da comunicação. Nesse sentido, os termos não se sobrepõem um ao outro, mas ressaltam a dinamicidade e a interação entre eles, de modo que, para bem compreender a PASCOM, é necessário ter conhecimento tanto de conceitos próprios da comunicação quanto doutrinários da missão da Igreja.

O próprio Diretório de Comunicação ressalta a importância do termo pastoral resgatando seu sentido bíblico, que tem raiz no verbo “apascentar”, “pastorear”, e no termo “pastor”. No Antigo Testamento, a imagem do “pastor” é abordada no eixo simbólico-metafórico, para designar os dirigentes do povo, ou no eixo teológico, no qual Deus é o pastor (Sl 23,1; Is 40,11; Jr 31,9). No evangelho de João, Jesus se

⁶² RM, n. 37c.

⁶³ Documento de Puebla, n. 1063.

apresenta como o Bom Pastor que cuida das ovelhas (Jo 6), chama-as pelo nome, conduz seus passos, caminha à frente delas e dá a vida por elas (Jo 10). Jesus é realmente o Bom Pastor que se despoja da sua própria vida para salvar a vida do seu rebanho. É Jesus a referência e o paradigma de toda a ação pastoral da Igreja, que tem como perspectiva anunciar, com a comunicação, a Boa-Nova. Nesse sentido, a pastoral é aquela que conduz, provê, liberta, reúne, salva, anima e coloca-se a serviço da comunidade e de todas as pessoas.

De modo geral, pastoral designa a forma pela qual a Igreja conduz o povo de Deus e, sob a ação do Espírito Santo, atualiza a prática evangelizadora de Jesus. Pastoral é, então, toda a ação da Igreja, povo de Deus, relacionando os valores do Evangelho com as situações concretas e conduzindo as pessoas a serem discípulas missionárias na vida cotidiana e, assim, assumirem o projeto de Deus. Todos esses elementos são importantes para compreender o fundamento bíblico da Pastoral da Comunicação, pois levam, primeiramente, a entender que a base da pastoral é o próprio Deus.

A Pastoral da Comunicação não é só mais uma pastoral atuante (como a catequese, pastoral dos músicos, pastoral da saúde, entre outras), mas sim a responsável por favorecer um diálogo entre todas as outras pastorais, e até mesmo entre elas mesmas. “A PASCOP estrutura-se a partir dos Documentos da Igreja, dos estudos e pesquisas na área da comunicação e das práticas comunicativas vividas e experienciadas pelas comunidades e grupos, convertendo-se em um eixo transversal de todas as pastorais da Igreja.”⁶⁴

O Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil, texto aprovado em 13 de março de 2014, durante 83ª Reunião Ordinária do Conselho Permanente da CNBB, lança um olhar sobre a Igreja, uma instituição abrangente em sua estrutura e ações, animada pelo mesmo ideal, sendo a comunicação o fundamento missionário da Igreja em saída⁶⁵. A grande motivação do documento é que todas as pessoas, setores ou organismos vinculados à Igreja não se sintam alheios ao grande plano de comunicação, que se espera ver realizado e estabelecido em todas as instâncias da vida eclesial no Brasil.

O documento, composto por dez capítulos, propõe e motiva a Igreja a ampliar suas relações com a comunidade humana atendendo a uma proposta já apontada

⁶⁴ DIRETÓRIO DE COMUNICAÇÃO DA IGREJA NO BRASIL, n. 244.

⁶⁵ EG, n. 20.

pelo Concílio Ecumênico Vaticano II, que mediante o Decreto Inter Mirifica, fez a opção por uma comunicação aberta ao diálogo com o mundo, a sociedade e suas tecnologias. O Diretório é uma resposta prática à interpelação dos desafios comunicacionais da Igreja no Brasil no referido documento conciliar, pois destaca a importância do testemunho e do anúncio do Evangelho, oferecendo uma visão orgânica de como os processos de comunicação e suas tecnologias se fazem presentes no cotidiano da sociedade contemporânea, sobretudo no ambiente da ágora digital, tema que será aprofundado no próximo tópico.

3.3 Do estúdio à ágora digital

Não há dúvida de que a Igreja tem um conteúdo sólido a ser transmitido, mas precisa adaptar-se às novas formas, à nova linguagem, e à nova gramática da comunicação para melhor responder aos anseios do ser humano contemporâneo.

A Igreja tem procurado, aos poucos e simbolicamente, sair dos estúdios para entrar na imensa praça (ágora) digital. O processo é lento, mas contínuo e progressivo, marcado pela prudência e pela cautela, o que de certo modo é positivo, pois a empolgação pode conduzi-la a caminhos desastrosos.

A comunicação social precisa “descer do púlpito”, não só literalmente, como descrito na fase anterior, mas também metaforicamente. Descer do púlpito para encontrar, nas “praças”, as pessoas concretas, as realidades cotidianas, as histórias reais e as diferentes formas de ver, viver e interpretar a fé e a doutrina e, com essas pessoas e realidades, estabelecer verdadeira “comunicação”, uma relação.

As tecnologias de comunicação proporcionaram uma nova experiência de tempo e espaço para a vivência humana. Surgem as comunicações inter-humano-digitais que transitam entre o virtual e o real. Nessa nova ambiência não é possível definir o que é midiático e que o não é, o que é on-line e o que é off-line, pois os meios e as possibilidades são onipresentes. A modernidade líquida, com todas as suas consequências, redefiniu a relação ser humano-mídia. Exatamente por isso a Igreja é chamada a dar um novo passo no seu processo de imersão na cultura e na linguagem da comunicação. - A Igreja é impelida a “sair” dos estúdios, sem abandoná-los, é convocada a deixar a lógica do “púlpito” - para voltar às “praças”: a ágora. Para Zanon:

Nova “praça” que se manifesta sob duas formas ou dimensões intimamente

interligadas entre si, em contínua comunicação: a praça física (off-line), que poderíamos dizer ‘de carne e osso’; e a praça digital (on-line), formada por bytes, mas não por isso menos real e plena de vida.⁶⁶

A “praça digital”, apontada por Zanon como a nova àgora – termo que remete ao espaço público da Grécia antiga, onde a vida cotidiana acontecia e que hoje é metáfora para representar a dinâmica das redes sociais e da comunicação atual é a verdadeira praça onde todos se encontram e habitam, um espaço muito mais democrático e horizontal. Um lugar que favorece o encontro, as relações, a troca de conhecimentos, a partilha de experiências – inclusive de fé. Desta forma, o ambiente digital é seguramente a praça pública onde tudo acontece.

Após a sua popularização, a internet, o ambiente digital, deixou de ser um local de ‘privilegiados’, da elite, e se tornou a nova ‘àgora’, o coração pulsante da nossa sociedade, o lugar privilegiado de encontro e de partilha, inclusive da fé. Devemos hoje habitar esse espaço cristãmente, nele devemos inculturar e testemunhar o Evangelho⁶⁷.

Ao ocupar essa nova ambiência da cultura digital, a Igreja não está renunciando aos seus valores básicos. Pelo contrário, tem a possibilidade de apresentá-los a uma nova cultura, a um novo ambiente, realizando assim a sua missão de “proclamar o Evangelho a toda a criatura” (Mc 16,15). Desde o envio missionário de Jesus, a comunidade cristã fez uso de todos os meios disponíveis para pregar a Boa-Nova de Cristo, levando a mensagem de amor e salvação a toda a humanidade. Assim como os apóstolos e missionários, os cristãos da atualidade, têm a missão de partilhar do ambiente digital para comunicar o Evangelho.

Se a fé não se inculturar, deixa de ter um significado para o ser humano da nova cultura. É um imperativo assumir ‘novos modos de comunicar com novas linguagens e novas técnicas’. A fé tem lugar e é aguardada com esperança pela cultura digital. [...] Precisamos deixar a ‘terra firme’ para avançar em ‘águas mais profundas’, ou melhor, um universo infinito, desterritorializado e atemporal, pois ali também Deus habita, se manifesta, se revela.⁶⁸

À primeira vista, o ambiente digital não parece ser um local que possibilite a manifestação de Deus, a revelação, a epifania. Mas, em uma análise repleta de esperança, as redes sociais, são um espaço de relação, de testemunho, de formação, de comunicação, de ação e de contemplação; e, exatamente por isso, de

⁶⁶ ZANON, 2021, p. 90.

⁶⁷ ZANON, 2021, p. 92.

⁶⁸ ZANON, 2021, p. 104.

encontro com Deus, conforme explicita Zanon:

É um espaço sagrado, é um local onde o ser humano pode plenificar-se da graça de Deus, ambiente em que possibilita a revelação e o contato com Deus, local que possibilita a 'amizade' e a 'relação' com Deus, a exemplo das amizades ou conexões das redes sociais.⁶⁹

O ponto fundamental que sustenta essa premissa é que não se pode separar a prática on-line da off-line. A rede é uma extensão da vida como ela é, em todas as suas dimensões e sob todas as suas relações. É exatamente neste pilar que o cristianismo se alicerça: as relações com Deus e com as pessoas. Não se trata de uma fé intelectual, teórica, mas sobretudo prática, comprometida, que envolve um grau de comprometimento e responsabilidade pessoal que transforma todas as dimensões do ser humano.

Os cristãos são chamados a viver no ambiente digital de modo pleno, integral, sem compartimentações ou fragmentação. Uma vez que a rede entra em todas as dimensões da vida humana – do trabalho ao tempo livre, da economia à política, da relação afetiva à busca espiritual – é inevitável que também penetre na vida de fé.⁷⁰

Não se é cristão somente quando se vai à igreja ou quando se celebra os sacramentos. É preciso ser cristão sempre, em todo lugar e em todo o momento. O batismo imprime caráter, transforma os sujeitos em homens e mulheres novos, com nova identidade. Qualquer ação que o batizado realize no ambiente digital, o faz como cristão, não simplesmente como jornalista, estudante, profissional... Antes de tudo é um cristão. É sempre o mesmo sujeito que age, por isso, ele não pode abandonar as suas convicções ou criar uma nova identidade, mesmo que assumindo diferentes papéis, conforme Zanon:

Com as potencialidades que a rede proporciona, o cristão não pode ficar indiferente, ou usar a tecnologia como qualquer outra pessoa. Tem de dar testemunho. Tem que usá-la responsável e criticamente, manifestando aí também a sua ética, suas opções de vida, seus valores, suas convicções. No fundo, confirma que a pessoa não pode agir on-line de maneira diferente do que a off-line. Assim como não pode agir como cristão quando está no templo sagrado e não agir como tal quando está na família, na escola, no trabalho, na sociedade ou em qualquer outro ambiente. Não é possível separar as duas 'atuações', pois o cristão é sempre o mesmo, há uma só identidade, onde quer que esteja, e deve testemunhar a sua fé e sua conduta onde quer que for.

⁶⁹ ZANON, 2021, p. 106.

⁷⁰ ZANON, 2021, p. 123.

Assumindo a ideia de que comunicar na rede é partilhar, os três últimos papas pedem aos cristãos para manifestarem sua integralidade na rede. João Paulo II, através da Carta Apostólica “O Rápido Desenvolvimento” de 2005 despertou a Igreja para a mudança de paradigma comunicacional: “o atual fenômeno das comunicações sociais impulsiona a Igreja a fazer uma espécie de revisão pastoral e cultural, a fim de ser capaz de enfrentar de maneira apropriada a passagem de época que estamos a viver”. Bento XVI também abordou esse tema em diversos discursos e documentos, inclusive na mensagem para o “Dia das Comunicações de 2013”, quando aprofundou o tema das redes sociais como novos espaços de evangelização. Para ele, “as redes sociais estão contribuindo para a aparição de uma nova ágora, uma praça pública aberta onde as pessoas partilham ideias, informações, opiniões e podem ainda ganhar vida novas relações e formas de comunidade”⁷¹. Ele reafirma a questão fundamental do testemunho: “a autenticidade dos fiéis, nas redes sociais, é posta em evidência pela partilha da fonte profunda de sua esperança e da sua alegria: a fé em Deus. Tal partilha consiste não apenas na expressão de fé explícita, mas também no testemunho.”

Conclusão

Apesar de ainda hoje existirem algumas vozes pessimistas sobre o ambiente digital, como a do sociólogo Bauman, há por parte da Igreja, uma esperança quanto às suas qualidades e potencialidades no que tange às relações humanas. Neste sentido, a postura atual de toda a Igreja é de identificar as oportunidades do digital acima das suas ameaças.

As iniciativas midiáticas da Igreja devem ser consolidadas e valorizadas sempre mais porque elas são verdadeiras e plenas de ações pastorais. Entretanto, o modo de fazer essa pastoral, concretamente, não pode ser apenas “despejar” conteúdos, invadindo as redes sociais com fotos, frases bíblicas, correntes de oração e similares, pois um conteúdo simplesmente lançado no mundo digital se perde na sua imensidão e permanece na obscuridade.

No Brasil, a PASCOM deve ter como preocupação primeira a aproximação do outro, com o modo de se relacionar e, como insiste o Papa Francisco, de ir ao

⁷¹ BENTO XVI, 2013.

encontro. Essa percepção configura a própria concepção de Pastoral da Comunicação, deixando de ser apenas uma pastoral instrumental, mas uma ação da Igreja encarnada na experiência humana, presente também no ambiente (tempo e espaço) digital. Ao assumir essa função, a PASCOM se torna uma pastoral missionária mediada pelos instrumentos da comunicação e pelo ambiente digital. Uma pastoral a serviço de todas as pastorais. No entanto, esse salto qualitativo, só é possível se os protagonistas desta pastoral, como autênticos cristãos, compreenderem que o on-line e o off-line representam uma unidade, uma continuação da existência, livre de barreiras ou segmentações.

O Papa Francisco é protagonista regular nas redes sociais. O atual pontífice é um agente de inovação comunicacional na Igreja que traça, pautada no Concílio Vaticano II, uma via de renovada interação com a contemporaneidade, abordando com franqueza os dilemas centrais da nossa sociedade. Suas declarações, que são sempre acompanhadas da práxis testemunhal ilustram o comprometimento do atual líder da Igreja em modernizar o paradigma comunicativo eclesial, motivando toda a realidade eclesial a também fazer o mesmo. Com tal atitude, o papa mostra que não pretende permanecer no “púlpito”, na sua cátedra (Santa Sé), mas quer estar próximo, fazer-se próximo e presente no ambiente digital, como o é no próprio exercício de seu pontificado.

Assim, diante dos desafios impostos pela modernidade líquida, sobretudo pelo advento das redes sociais, é preciso que a Igreja, promova um verdadeiro diálogo, que brota do encontro com as pessoas na cultura atual, principalmente as que estão no ambiente virtual, com uma linguagem que desperte interesse e garanta a credibilidade da mensagem, da Boa-Nova. É preciso elaborar uma comunicação aberta ao Espírito Santo que impulsiona e motiva os discípulos missionários na atualidade a estarem atentos aos sinais dos tempos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No princípio existia a Palavra, e a Palavra estava junto de Deus e a Palavra era Deus. No princípio ela estava junto de Deus. Tudo foi feito por meio dela, e sem ela nada foi feito. O que estava nela era vida, e a vida era a luz dos seres humanos.

(Jo, 1,1-5).

Deus é a Palavra, o Verbo, que existe desde sempre. Deus é o princípio da comunicação. A comunhão da Trindade (Pai e Filho e Espírito Santo) é a comunicação perfeita. A comunicação que está em Deus (e que é Deus) é o princípio teológico que inspirou esse trabalho: Deus que se manifesta à sua criatura ao longo da história, revela-se de modo definitivo no momento da encarnação de seu Filho e, pela ação do Espírito Santo, age na Igreja Católica que peregrina nesse mundo, busca comunicar o seu amor a todas as criaturas.

Ao longo de todos os relatos do Antigo Testamento, é notável o esforço de Deus em se comunicar com seu povo através dos patriarcas e dos profetas. Este processo de autorrevelação de Deus e do seu projeto para humanidade teve seu ápice na encarnação do Verbo (Jesus Cristo). Deus, que já era comunicação perfeita na Trindade, ao encarnar-se estende esta comunicação à sua criatura. Por amor, o Deus invisível entra na história. Deus coloca sua tenda no meio do povo.

Com tais apontamentos sobre a teologia da comunicação, não há dúvida que a Igreja, ao considerar a sua missão de anunciar o Evangelho, tem um conteúdo sólido a ser transmitido e deve “habitar” a nova praça, a ágora digital, mas que para isso, atenta aos sinais dos tempos, deve adaptar-se às novas tecnologias e às novas formas de comunicação que recebem as influências dos efeitos socioculturais da modernidade líquida.

A modernidade líquida, categoria analítica desenvolvida pelo sociólogo Zygmunt Bauman, ilustra como as novas tecnologias conduziram a humanidade a um novo tempo e espaço comunicativo. O ambiente digital é seguramente a hodierna praça pública onde tudo acontece. Ao abraçar essa nova cultura digital, a Igreja não estaria renunciando aos seus valores básicos. Pelo ao contrário, teria a possibilidade de apresentá-los a essa nova cultura e a esse novo ambiente, realizando assim a sua missão de evangelizar.

Apesar de ainda hoje existirem algumas vozes pessimistas sobre o ambiente digital, como a voz do sociólogo Zygmunt Bauman no que tange o enfraquecimento

das relações humanas pelo uso das redes sociais, é possível, com uma perspectiva otimista e esperançosa, que a Igreja, encontre no ambiente virtual qualidades e potencialidades para o anúncio do Evangelho, para a vivência da fé e para a propagação de uma autêntica identidade cristã através do testemunho de vida. Neste sentido, é um imperativo que a Igreja assuma os novos modos de comunicar, com novas linguagens, novas técnicas e novas atitudes comunicativas, pois a fé tem lugar e é aguardada com esperança e expectativa pela cultura digital.

É preciso que a Igreja compreenda o ambiente digital como uma extensão da vida como ela é, em todas as suas dimensões e sob todas as suas modalidades: o virtual, sobretudo as redes sociais, é também um ambiente de relações, de testemunho, de formação, de ação e de contemplação, por isso, é também um local de encontro com Deus. É um local onde Deus se revela, se comunica e se manifesta.

Diante do surgimento de novas formas de comunicação, a Igreja, pela ação do Espírito Santo, precisa sempre avaliar qual será sua postura: do “alto do púlpito”, condenar o progresso tecnológico, demonizando a utilização das novas tecnologias – como fez no passado – ou estar próxima de seus interlocutores, habitando as praças públicas digitais, se inserindo nos novos ambientes, tornando-se artífice das novas culturas, buscando comunicar os valores Evangélicos, assumindo a nova ambiência como terra de missão.

A elaboração desse trabalho monográfico, iluminado sobretudo pela Sagrada Escritura e pelo Magistério, ajudou a entender que a Igreja Católica buscou ao longo da história, inculturar o Evangelho na linguagem e sociedade de cada tempo e lugar, utilizando para tal aquela que julgou ser a melhor comunicação possível, passando de uma postura de rejeição e prudência, à aceitação e valorização; de uma visão negativa e neutra àquela positiva e integral quanto ao uso dos mais modernos recursos de comunicação.

É importante ressaltar que esse trabalho não teve intenção de abordar todas as iniciativas da Igreja no âmbito da comunicação ao longo da história, pois é um campo vastíssimo, que fomenta muitos paradigmas ainda a serem pesquisados. Nesse sentido, à medida em que novas formas comunicacionais surgem – seja por novo aparato tecnológico e uma por nova rede social -, surgem também novas possibilidades de relacionamentos, novas ambiências e, conseqüentemente, novos desafios comunicacionais para a Igreja Católica.

REFERÊNCIAS

- ALTEMEYER JUNIOR, Fernando; BOMBONATTO, Vera Ivanise (orgs). **Teologia e Comunicação**. São Paulo: Paulinas, 2011.
- ALTEMEYER JUNIOR, Fernando; Lercaro, Giacomo. In: PASSOS, J. D.; SANCHEZ, W. L. (org.). **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulinas / Paulus, 2015.
- BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Trad. por PENCHEL, Marcus. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- _____. **Modernidade Líquida**. Trad. por DENTZIEN, Plínio. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- _____. **Tempos Líquidos**. Trad. por MEDEIROS, Carlos Alberto. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- _____. **Medo Líquido**. Trad. por MEDEIROS, Carlos Alberto. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- _____. **Vida Líquida**. Trad. por MEDEIROS, Carlos Alberto. 2ªed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt; LEONCINI, Thomas. **Nascidos em tempos líquidos: Transformações no terceiro milênio**. Tradução de Joana Angélica D'Ávila Melo. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2018.
- BOFF, Leonardo. **A Trindade, a sociedade e a libertação**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- BOMBONATTO, Vera Ivanise. **Evangelizar é comunicar**. Fundamentação bíblico-teológica da Pastoral da Comunicação. São Paulo: Paulinas, 2009.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2008. v.1.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA**. São Paulo: Vozes, 1993
- CONCÍLIO VATICANO II**. *Constituição Dogmática Dei Verbum*. (1963). In: DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II. São Paulo: Paulus, 1997.
- _____. *Inter Mirifica*. Decreto do Concílio Vaticano II Sobre os Meios de Comunicação Social. São Paulo: Paulinas, 2001.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil – Documento 99**. Brasília: CNBB, 2020.
- DECOS-CELAM. **Para uma Teologia da comunicação na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1984.
- DÍEZ, Felicíssimo Martinez. **Teologia da Comunicação**. São Paulo: Paulinas, 1997.

JOÃO PAULO II, Papa. **Carta Encíclica *Redemptor hominis* (Sobre o Redentor do Homem, no início do ministério Pontifical de João Paulo II)**. São Paulo: Loyola, 1979.

LEMOS FILHO, Arnaldo. **As ciências sociais e o processo histórico**. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho. (Org.). *Introdução às ciências sociais*. 7. ed. Campinas: Papirus, 1998. p. 19-28.

LORO, Tarcisio Justino. Jesus Cristo, modelo de comunicador, **Revista Eletrônica Espaço Teológico**, 2010, p. 47-55. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo/article/view/3463/2287>. Acesso em: 11 de abril, 2024.

REALE, Giovanni; ANTISERE, Dario **História da Filosofia: Do Humanismo à Kant**. 6.ed. São Paulo: Paulinas. 2003. 2. V. (História da Filosofia).

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS. **Igreja e Internet**. Vaticano: 2002. Disponível em: www.vatican.va. Acesso em: 11 de abril, 2024.

PUNTEL, Joana Terezinha. **Comunicação virtual: ciberespaço, interculturalidade e religiões**. In: *TEOLOGIA e comunicação: corpo, palavra e interfaces cibernéticas*. São Paulo: Paulinas, 2011.

_____. **Cultura midiática e Igreja Católica, uma nova ambiência**. São Paulo: Paulinas, 2008.

RAHNER, Karl. *Curso fundamental da fé*. São Paulo: Paulus, 2015

SILVA, Aline Amaro da. **Catequese digital: por onde começar?** São Paulo: Paulus, 2021

ZANON, Darlei. **Comunicar o Evangelho: Panorama histórico do magistério da Igreja sobre comunicação**. São Paulo: Paulus, 2021.